



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE MATEMÁTICA-LICENCIATURA

WESLLEY DE ARRUDA MACIEL

RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise
dos desafios na identidade de homossexuais como docente em matemática

Caruaru
2024

WESLEY DE ARRUDA MACIEL

RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise
dos desafios na identidade de homossexuais como docente em matemática

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em matemática do Campus
Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em
matemática.

Área de concentração: Educação
matemática.

Orientador (a): Prof. Dr. José Ivanildo Felisberto de Carvalho

Caruaru
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Maciel, Wesley de Arruda.

RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR:

Análise dos desafios na identidade de homossexuais como docente em
matemática / Wesley de Arruda Maciel. - Caruaru, 2024.

63

Orientador(a): José Ivanildo Felisberto de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Matemática - Licenciatura,
2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Identidade Homossexual. 2. Educação matemática. 3. Gênero e
sexualidade. 4. Performance. I. Carvalho, José Ivanildo Felisberto de .
(Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

WESLLEY DE ARRUDA MACIEL

RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise
dos desafios na identidade de homossexuais como docente em matemática

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em matemática do Campus
Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em
matemática.

Aprovada em: 12/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ivanildo Felisberto de Carvalho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Agnaldo da Conceição Esquincalha (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Me. Carlos Ian Bezerra de Melo (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Ceará

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que por algum momento da vida esteve
frente a desafios para expressar sua sexualidade.
E como Marina Senna em sua Música foi match diz “Seja livre pra ser quem você é
quer cantar canta, quer dançar dança, namorar com quem quiser se joga
não deixe o julgamento de ninguém te atrapalhar de fazer alguma coisa”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder conhecimentos e me proporcionar forças para continuar lutando por uma educação que respeite todas as diferenças e a minha mãe Josefa Arruda que sempre esteve comigo, sofri muitos processos de repressão na minha sexualidade no ambiente de trabalho, na família e na sociedade, comecei trabalhar novo porque precisava ajudar em casa, eu não era assumido e sempre escutei no ambiente de trabalho (trabalho informal) “se você for gay irei demitir você”, isso deixava meu coração tão aflito já escutava dentro da minha casa concepções de que ser gay é errado, ir para o trabalho e ainda escutar isso era um peso tão grande para mim.

Agradeço todos meus amigos que esteve cotidianamente comigo na educação básica, durante todos os momentos nunca mudaram o jeito de ser comigo após eu comentar ser um homem gay. No contexto escolar eles foram fonte de resistência para mim.

Após entrar na faculdade me assumi após a minha melhor amiga me questionar de forma tão convincente que falei para ela e foi a primeira pessoa a saber Rayle Maria dos Santos e Wellytânia Francislaine, durante esse momento vocês foram minha resistência e sempre me proporcionaram momentos únicos na graduação me lembro que comentaram assim “nossa Wesley do lado dessas duas meninas e nem se interessa” nós demos uma risada, esse acontecimento me marcou e notei que performar a identidade homossexual na graduação foi desafiador, por ser um ambiente predominantemente heterossexual e masculinizado.

Através das experiências de vida e tantas repressões sofridas no meu percurso escolar e acadêmico eu tive a certeza que essa temática era a minha de trabalho de conclusão de curso, levar para a educação básica práticas pedagógicas que incluía todas as pessoas e promova o respeito à diversidade sexual é um dever meu e de todos os professores que lutam por essas causas. A educação é o principal meio para promover aspectos sobre justiça social, democracia e respeito entre as pessoas

RESUMO

Diante a realidade escolar e o ser professor de matemática homossexual, diferentes processos de subalternização permeiam a identidade das pessoas homossexuais, olhar para o contexto escolar é notar que as pessoas pertencentes a comunidade LGBT+ sofrem diferentes discriminações e preconceitos cotidianamente nesses espaços, deste modo, ser professor homossexual de matemática é estar frente a diferentes desafios para permanecerem no ambiente escolar. Deste modo, Educar é transformar o mundo, por meio de práticas que colaboram para uma educação que inclua todas as pessoas, entretanto, investigar as relações de gênero e sexualidade no meio educacional é de grande importância para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária que respeite e reconheça a pluralidade de corpos na escola. Nessa perspectiva, a investigação da pesquisa parte de um pressuposto da importância das pesquisas em educação matemática sobre contextos envolvendo gênero e sexualidade, visto que, contribui com conhecimentos para a formação dos cidadãos, para atuar na sociedade de forma democrática que respeite a diversidade sexual. E também das ações do Grupo Aya-Sankofa de Educação Matemática no âmbito do curso de licenciatura em matemática. Então, o objetivo da pesquisa é investigar as percepções de um grupo de professores homossexuais sobre os desafios e obstáculos em ser docente na matemática em escolas do ensino básico de Pernambuco, a metodologia é uma pesquisa qualitativa e o instrumento da pesquisa é uma entrevista semiestruturada, no qual foi desenvolvido um roteiro com 5 questionamentos a serem respondidos por cada professor homossexual atuantes em diferentes escolas do ensino básico em Pernambuco, a fim de encontrar os principais desafios diante a sua Identidade no cotidiano docente. Partindo de concepções do conservadorismo como prática de exclusão, educação matemática crítica, pesquisas sobre gênero e sexualidade. Contribuindo assim com embasamentos para uma educação matemática mais inclusiva capaz de minimizar a exclusão e a homofobia na sala de aula, sendo assim, está inserido no ambiente matemático é também dialogar questões de equidade e aceitação da diversidade sexual.

Palavras-chave: Identidade homossexual; Matemática; Gênero e Sexualidade; Performance.

ABSTRACT

Given the reality of school and being a homosexual mathematics teacher, different processes of subordination permeate the identity of homosexual people. Looking at the school context, we notice that people belonging to the LGBT+ community suffer different discrimination and prejudices on a daily basis in these spaces. Therefore, being a homosexual mathematics teacher means facing different challenges to remain in the school environment. Thus, to educate is to transform the world, through practices that contribute to an education that includes all people. However, investigating gender and sexuality relations in the educational environment is of great importance for the development of an egalitarian society that respects and recognizes the plurality of bodies in school. From this perspective, the investigation of the research is based on an assumption of the importance of research in mathematics education on contexts involving gender and sexuality, since it contributes with knowledge for the formation of citizens, to act in society in a democratic way that respects sexual diversity. And also of the actions of the Aya-Sankofa Group of Mathematics Education within the scope of the undergraduate course in mathematics. Therefore, the objective of the research is to investigate the perceptions of a group of homosexual teachers about the challenges and obstacles of being a mathematics teacher in elementary schools in Pernambuco. The methodology is qualitative research and the research instrument is a semi-structured interview, in which a script was developed with 5 questions to be answered by each homosexual teacher working in different elementary schools in Pernambuco, in order to find the main challenges facing their identity in the daily teaching routine. Starting from conceptions of conservatism as a practice of exclusion, critical mathematics education, research on gender and sexuality. Thus contributing with foundations for a more inclusive mathematics education capable of minimizing exclusion and homophobia in the classroom, thus, being inserted in the mathematical environment is also to discuss issues of equity and acceptance of sexual diversity.

Keywords: Homosexual identity; Mathematics; Gender and Sexuality; Performance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	LUTA POR IGUALDADE: ESTIGMAS E REFLEXÕES.....	12
2.1	PERÍODO DITATORIAL E A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL.....	13
2.2	ESCOLA UM AMBIENTE DESAFIADOR PARA A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL.....	16
3	UMA PRÁTICA DE (IN)(EX)CLUSÃO.....	21
4	GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES.....	31
5	METODOLOGIA.....	35
5.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	35
5.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
5.3	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	37
5.3.1	Elaboração do roteiro.....	38
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE 1 – BREVE HISTÓRIA	60
	APÊNDICE 2 – TCLE.....	62

1 INTRODUÇÃO

A insuficiência de articulações das temáticas que envolvem gênero e sexualidade no contexto escolar durante a formação de professores contribui com diferentes estorvos na vida de professores homossexuais, dentre eles processos normativos que subalternizam os corpos das pessoas LGBT+¹ e preconceitos como a homofobia, influenciado pelos paradigmas sobre “Quais corpos podem ocupar as ciências ditas exatas? Existe uma hegemonia nesses espaços?” concepção desenvolvida por Detoni, Mendes e Esquincalha (2024, p.7).

Socialmente muitas pessoas acreditam que o padrão de um professor de matemática deve ser heterossexual e ser homossexual é estar inserido apenas em cursos que divergem das área ditas exatas, isto é, uma visão masculinizada dos professores de matemática. Sob esse olhar Guse e Esquincalha (2022, p.946) nos mostram que, “o campo da matemática tem sido historicamente dominado por homens brancos, cisgênero, que se identificam como heterossexuais, e isso limita os tipos de soluções criadas para resolver problemas que marginalizam outras pessoas”, nesse entendimento, a escola é um espaço de reflexo da sociedade no qual pode ser um espaço normalizador dos corpos na perspectiva da heterormatividade.

O princípio Constitucional da igualdade não admite que exista a desigualdade, de qualquer natureza, aos homossexuais. Porém, na maioria das vezes, o preconceito vem de uma compreensão mal idealizada, no entendimento dos indivíduos (Weber; Gevehr; Schwambach, 2022, p.53).

Pensamentos conservadores que pregam a ideologia do construto da família em ideais tradicionais, retratam que debater questões de gênero e sexualidade não é papel da escola, tais perspectivas são fundamentadas pela censura e articulações errôneas sobre concepções ao qual debater essas temáticas na escola “podem ensinar algum aluno a ser gay”. Mas é notório que acarreta diversos estorvos na vida de docentes e alunos homossexuais. Silva (2019) mostra em sua pesquisa que durante a experiência na conjuntura educacional, a escola é um ambiente desafiador para professores e alunos homossexuais, em razão há vários posicionamentos errôneos de que não seguir o padrão heteronormativo é estar fora da norma,

¹ LGBT+ são todas as pessoas que não se enquadram na heterossexualidade, isto é, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, demais orientações sexuais e identidades de gênero (Moreira et al., 2024).

caracterizando assim a escola como um ambiente de perseguições, preconceitos e xingamentos, mas também um lugar de resistência. Posto que, professores devem e podem atribuir nos espaços escolares intervenções que abordem as relações de respeito e equidade aos direitos sociais.

São essas indagações que levam a fundamentar alguns questionamentos acerca das vivências de docentes homossexuais em matemática, destacamos a homofobia dentro da escola. Enquanto instituição de ensino, a escola é um ambiente de inclusão da comunidade LGBT+?. No contexto científico existem pesquisas que contribuem para minimizar as práticas LGBTfobias no meio escolar, mas a insuficiência traz a necessidade em outros olhares de pesquisas científicas na educação matemática. Nesse sentido, problemas como esses englobam a necessidade em analisar e debater diferentes abordagens para a inclusão de todos nos espaços escolares, principalmente na Educação Matemática, não obstante, possui relevância significativa para debater gênero e sexualidade durante a formação inicial de professores nas licenciaturas em matemática.

Na perspectiva do ambiente profissional para professores homossexuais de matemática, a subalternização é uma realidade, é notório também que existem desafios ao que diz respeito a identidade homossexual dentro do ambiente escolar. Tais questionamentos são indispensáveis para o desenvolvimento da presente pesquisa, existe a necessidade em desenvolver trabalhos científicos sobre gênero e sexualidade na Educação matemática, visto que, essa temática muitas vezes não é evidenciada durante a formação de professores de matemática levando para um lugar de invisibilidade, gênero e sexualidade deve-se fazer presente na formação de professores em qualquer área de atuação seja nas humanas, biológicas, linguagem ou exatas precisam observar a realidade do aluno a fim de contribuir minimizar os processos de exclusão das diversidade sexual e de gênero na escola (Maciel, 2024).

Analogamente ser docente é também repensar as práticas pedagógicas para além dos conteúdos escolares, cabe ressaltar a necessidade em observar a realidade de cada aluno a fim de contribuir para uma sala de aula mais inclusiva (Maciel, 2024).

É através dessa observação do ambiente escolar que interrogamos sobre o lugar do profissional que ensina matemática. Nessa abordagem, a pesquisa foi desenvolvida buscando relacionar a prática docente e dificuldades em expressar a sexualidade em um ambiente heteronormativo, o objetivo geral da pesquisa é

investigar as percepções de um grupo de professores homossexuais sobre os desafios e obstáculos em ser docente na matemática em escolas do ensino básico de Pernambuco, os objetivos específicos são, descrever os obstáculos na vida de profissionais homossexuais como docente em matemática, identificar ao serem questionados aspectos das relações entre sujeitos sobre problemas causados pela heterossexualidade compulsória na performance da identidade homossexual, Investigar as possibilidades nas práticas pedagógicas dos professores para inserir contextos da diversidade sexual nas aulas de matemática a fim a justiça social.

Para isso, a presente pesquisa aborda perspectivas da Educação Matemática Crítica, Matemática problematizada e pesquisas de gênero e sexualidade na Educação Matemática. Como método para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado como ferramenta de busca o Google Scholar para fundamentar a presente pesquisa.

2 LUTA POR IGUALDADE: ESTIGMAS E REFLEXÕES

Uma das análises que desencadearam as fundamentações que trago na presente pesquisa é sobre ser homossexual e como a docência em matemática pode ser um ambiente repressor para essa identidade ao qual muitas pessoas atribui a homossexualidade como fora da normalidade paradigmas elaborados pelos ideais do conservadorismo, diante isso, o processo histórico foi demarcado por lutas para a obtenção de direitos básicos da vida humana, como respeito e equidade. Tratando sobre as conjunturas epistemológicas sobre o ser homossexual e acirramentos em suas identidades, existem ambientes de luta e resistências, quando o assunto é não se enquadrar nas perspectiva heteronormativas. Silva (2019) destaca que a homossexualidade não é uma escolha, mas sim orientação natural.

Destacando que:

Para falar de homossexualidade é importante compreender que se trata de uma orientação sexual: quando desejos e afetos são direcionados a pessoa do mesmo sexo. É importante frisar também que não se trata de uma “opção”, pois o sujeito não decide a ordem de seus desejos como quem troca de roupa, mas trata de um aspecto da sexualidade humana que elenca fatores psicológicos, emocionais e culturais que constituem a identidade do sujeito e se faz perceber desejando pessoas do mesmo sexo. (Silva, 2019, p.50).

Na contribuição de Silva (2019), podemos perceber que a homossexualidade é uma orientação sexual e não uma escolha como muitos denominam, porém, diante a luta pela legitimação da identidade homossexual durante o período histórico-cultural muitos foram os acirramentos pelos ideais da normalidade padrão que sempre colocavam a homossexualidade em uma posição de marginalização social.

É indispensável falar sobre as caracterizações sobre o termo Homossexualidade e sua história no decorrer dos tempos, Homossexualidade é o termo correto para designar pessoas homossexuais, que constituem nos, “desejos e afetos são direcionados a pessoa do mesmo sexo” (Silva, 2019, p.50). Mas esse termo durante o período histórico não foi utilizado, durante o período ditatorial, era utilizado o termo homossexualismo esse “ismo” era pra denotar algo diferente, como se a homossexualidade fosse uma doença, “homossexualismo” enquanto categoria discursiva, está totalmente vinculado à ideia de doença” (Carneiro, 2015, p.3, grifo do autor). Nesse sentido, ser homossexual em uma sociedade em que marginaliza

as sexualidades das pessoas não heterossexuais é ter reflexões de que a luta sempre esteve presente e necessita estar presente na vida das pessoas, não só homossexuais mais também para as pessoas que pertencem à comunidade LGBTQ+.

A partir das abordagens com as interlocuções entre história e vivências da comunidade LGBTQ+ durante o processo de lutas e conquistas de direitos básicos, são essenciais estarem presentes durante a formação inicial de professores, visto que, possui grande recorrência para a transformação da sociedade. Grupos de movimentos sociais foram importantes para a luta de direitos humanos durante os processos de resistência, vale ressaltar, grupos de resistência no Brasil que por muito tempo contribuíram para o reconhecimento identitário das pessoas marginalizadas socialmente, deste modo, “a perseguição aos LGBTQs não se limitava apenas às instituições, ocorria nas ruas, pois a existência dos mesmos era ofensiva o suficiente para o hétero-normativo” (Leão et al., 2019, p.50).

2.1 Período ditatorial e a identidade homossexual

O período ditatorial para as pessoas LGBTQ+ foi demarcado por diferentes processos de lutas e resistência para a legitimação da identidade homossexual, estereótipos que levaram à luta por igualdade, recorrem embates sobre comportamentos dos corpos subalternizados de homossexuais, que estavam a margem da sociedade por não se enquadrarem na norma padrão da cis-heteronormativa, diante a diversos argumentos negligentes para a identidade homossexual, destaca-se a influencia ao surto da AIDS. Diversas foram as articulações sobre o surgimento da doença e a visão de ser predominantemente causadas pelas relações homoafetivas, “no início da década de 1980 não havia maiores constatações sobre a Aids, inclusive nem possuía tal nome. A única informação que se tinha é que afetava majoritariamente homossexuais masculinos” (Vázquez; Gomes, 2021 p. 28).

Diante a falta de veracidade nas informações sobre quais corpos estavam propensos a serem infectados e a forma de contágio, sentenças foram instauradas a grupos de homossexuais masculinos na década de 1980.

O advento da Aids, nos anos 80, determinou a intensificação do preconceito contra os homossexuais, e a própria homossexualidade masculina acabou por se transformar num sinônimo da doença, inicialmente conhecida nos meios científicos e na imprensa como

câncer gay, peste gay ou peste rosa. (Ribeiro; Soares; Fernandes, 2009, p.192).

Desviar da norma padrão durante os primeiros índices de surto da AIDS, foi sinônimo de sofrimento, isso porque julgamentos foram idealizados por grupos conservadores. Nalin (2021) justifica em sua pesquisa que os estigmas da Aids sempre estiveram presente a grupos minoritários, nesse modo, muitos foram os julgamentos durante esse período de opressão aos homossexuais, “Tomando conhecimento de que a transmissão da doença se dava (também) por meio de relações sexuais desprotegidas, líderes religiosos passaram a vincular a Aids como um castigo de Deus, por conta das práticas homossexuais” (Nalin, 2021, p.2).

Diante à tanta negligência, ao que diz respeito à diversidade sexual por não se enquadrar à valores da população heterossexual, então torna-se por uma busca de visibilidade das suas identidades. Nessa perspectiva, grupos de homossexuais sempre estiveram à frente de lutas para a efetivação de uma vida digna de respeito e para o desenvolvimento da naturalização da sexualidade. Ferreira e Sacramento (2019) destacam que esse embate é implicado por práticas discriminatórias, durante o processo histórico da ditadura militar, disseminou-se práticas e controle de uma heteronormatização dos corpos. Posto isso, surgiram movimentos de grupos LGBTQ+ como forma de luta e resistência, consolidada pelas diversas formas de silenciamento e não aceitação das pluralidades nas identidades (Ferreira; Sacramento, 2019).

Quinalha (2017) destaca que, durante o golpe de 1964 foi um momento intensificado por diferentes dispositivos de controle da homossexualidade, a repressão, censura e estigmas era umas das praticas destinadas as pessoas que pertenciam a diversidade sexual como é o caso dos homossexuais. Vale ressaltar que, a necessidade de políticas do reconhecimento da identidade homossexual ganhou notoriedade após a criação de alguns grupos de resistência, dentre os grupos de resistência destaca-se conforme Green e Quinalha (2015, p.12) “a formação em maio de 1978 do grupo Núcleo de Ação pelos direitos dos homossexuais, que depois adotaria “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual”,[...] e depois o grupo Auê”.

Um outro grupo que esteve à frente da luta pelo reconhecimento dos direitos homossexuais foi o grupo Gay da Bahia - GGB fundado em 1980, “O grupo gay da Bahia, por exemplo, encampou com afinco a luta pela despatologização das

homossexualidades” (Quinalha, 2017, p.274). Sobretudo, o fato da ditadura militar representar um momento de repressão e de perseguições contra a comunidade LGBT+, militantes ocuparam espaços de resistência e resiliência diante as práticas homofóbicas, o movimento que mostrou-se necessário para uma identidade legitimada como citado por Ferreira e Sacramento (2019) foi o grupo Somos que “emergiu em meados dos anos de 1978 sendo reconhecido como o primeiro movimento com uma proposta de polarização da questão da homossexualidade” (Facchini, 2010, p.86).

Sua primeira aparição pública ocorreu por meio de uma carta endereçada ao sindicato dos jornalistas, na qual um nome provisório foi adotado: Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais. Posteriormente, em dezembro de 1978, esse grupo foi rebatizado de SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual, mediante convite para participação numa semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, a ser realizada no início do ano seguinte na USP (Facchini, 2010, p.88).

O propósito do movimento foi a aproximação de grupos homossexuais para a interação entre trocas de conhecimentos acerca das relações sociais e questões sexuais, em uma perspectiva das identidades e a opressão sofrida pelos grupos minoritários (Zanatta, 2011). Associando as ações do grupo SOMOS, Carneiro (2015) também mostra que, “o grupo SOMOS sempre esteve a frente na luta contra a despatologização da homossexualidade” (Carneiro, 2015, p.1).

Na mesma concepção, Quinalha (2017) retrata que, o grupo SOMOS como ativismo homossexual seguiu retratando sua participação em encontros com outros grupos de afirmação da identidade das pessoas não pertencentes a norma heterossexual, colocavam em pauta as questões das violências sofridas nesse processo ditatorial que reprimia todas as pessoas da comunidade LGBT+. “Pode - se dizer, assim, que a ascensão do movimento homossexual, neste período, foi caracterizada por um diálogo intenso com outros grupos” (Quinalha, 2017, p.254). Encontros como esses mostram as formas de colocar em pauta a necessidade do reconhecimento dos corpos dissidentes, para lutar pela democratização dos direitos constitucionais.

Contribuindo com a mesma perspectiva que Mello, Grossi e Uziel (2009) destaca em sua pesquisa que:

Tanto o Somos, quanto o lampião foram fortemente influenciados pelo exemplo do movimento homossexual estadunidense, cujo marco contemporâneo de origem mais reconhecido é a revolta de

Stonewall, ocorrida em 1969, em Nova York. (Mello; Grossi; Uziel, 2009, p.164).

Tanto o jornal Lâmpião de Esquina quanto o Grupo Somos foi uma forma de fortalecer a luta pelos direitos essenciais e a visibilidade da homossexualidade, deste modo, “O Lâmpião da Esquina surgiu da ideia de vários intelectuais e artistas homossexuais. Tinha como proposta discutir e viabilizar seus temas ao público gay que até então se via marginalizado e postergado socialmente” (Alves; Dias, 2015, p. 40).

Movimentos como o SOMOS, retratam a necessidade das articulações na defesa dos direitos democráticos para a comunidade LGBTQ+, para o reconhecimento da diversidade sexual. É nessa visão que, enfatizar os acontecimentos perpassados durante os processos de democratização e a historicidade dos movimentos sociais no decorrer da história, é o condicionamento fundamental para as relações sociais democráticas e conscientização sobre a necessidade de respeito em qualquer ambiente social, sendo assim a historicidade de acontecimentos vividos por grupos LGBTQ+ fundamentam os objetivos principais das militâncias (Ferreira e Sacramento, 2019).

Os autores afirmam que:

É cada vez mais recorrente que indivíduos e organizações formadas por gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e queer se voltem para as histórias públicas de seus passados, aparentemente compartilhados, a fim de defender mudanças políticas, sociais e culturais no presente. (Ferreira; Sacramento, 2019 , p. 236).

2.2 Escola um ambiente desafiador para identidade homossexual

Em contrapartida, a luta e resistência durante todo processo histórico de rejeição e marginalização da homossexualidade, atualmente existem práticas neoconservadoras em meio as relações interpessoais dentro das escolas, pensamentos sobre as pessoas que divergem da “norma” heterossexual. Sendo influenciado pelo conservadorismo que está presente desde o regime militar até a atualidade, por sua vez, tais grupos conservadores indagam perspectivas sobre a manutenção da heterossexualidade como norma a ser seguida e todas as pessoas que divergem da normalidade são atribuídas como sinônimo de corpos desviantes, então propensos a sofrerem diferentes processos de exclusão social, a reiteração da heterossexualidade compulsória coloca em abjeção todas as pessoas LGBTQ+ em

uma posição subalterna aos direitos sociais, isto é, as pessoas heterossexuais podem ter seu direitos assegurados mas as pessoas que destoam da norma padrão terão de forma insuficientes os direitos e até mesmo serem excluídos da sociedade (Louro, 2009).

A escola é um espaço plural ao que diz respeito às identidades das pessoas e as relações de pensamentos, diferentes sentidos no olhar para a diversidade sexual pode ser referido diante ao contexto em que cada indivíduo está inserido, como é o caso das pessoas com ideais conservadores. Para José Antonio Sepulveda e Denize Sepulveda, o conservadorismo está relacionado com o comportamento humano, ou seja, “uma pessoa pode ser politicamente inovadora e ter condutas conservadoras com relação à família, ou até mesmo em relação às prática sexuais” (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p.142). Posto isso, a influência do conservadorismo nas instituições escolares provoca a manutenção de poder à diversidade, consequentemente mostra um ambiente com adversidades para a permanência das pessoas homossexuais nesses espaços.

Nesse sentido, diante as experiências em sala de aula é notório que muitos discursos normatizadores atravessam a vida dos alunos, professores e equipe educacional, como é o caso dos xingamentos e piadas depreciativas, “ a “anormalidade” homossexual é ali construída também por meio de ações pedagógicas pequeninhas, ou melhor, não-institucionais-xingamentos dos colegas, piadas, fofocas, brincadeiras dos/as professores/as” (Ribeiro; Soares; Fernandes, 2009, p.201, grifo do autor).

Coloca a homossexualidade em uma posição de um outro, tais nomeações são formas de estigmatizar a identidade homossexual. Diante desses discursos normalizadores destaca-se diferentes obstáculos a serem enfrentados pelas pessoas LGBTQ+. Em sua pesquisa, Sepulveda e Sepulveda (2016) mostram as possíveis reflexões sobre as práticas conservadoras e como resulta na segregação da diversidade sexual no meio educacional, pessoas que não se enquadram na norma padrão estão mais propensas a sofrerem preconceitos e discriminações.

Nessa mesma concepção, Silva (2019) destaca considerações sobre os movimentos ultraconservadores ao qual fazem política.

Os políticos ultraconservadores, outrora denominados de bancada da bíblia, que engloba católicos e evangélicos, têm conseguido barrar projetos e retirar de documentos oficiais toda e qualquer menção aos termos “gênero” e “diversidade sexual” como garantia que não se

discuta essas temáticas nas escolas. A consequência dessa ação obviamente é a permanência da invisibilização da população LGBTQ+ e perpetuação da submissão da mulher em relação ao homem (Silva, 2019, p.59).

Sob esse olhar, grupos de resistência constituem a luta diária para o reconhecimento das identidades LGBTQ+, uma das mulheres política e ativista que luta pelos direitos da comunidade LGBTQ+ é Erika Hilton, diante a tanta repressão nos espaços políticos Erika luta cotidianamente pelo reconhecimento da diversidade de identidades tanto nos espaços políticos quanto no meio social.

Em uma entrevista intitulada “Travesti não é bagunça!” Entrevista com Erika Hilton, destaca que, a representatividade da comunidade LGBTQ+ nos espaços políticos são essenciais na luta diária para os grupos que por muito tempo foram subalternizados (Paranhos, 2023).

A luta contra a LGBTQFobia no meio social e nos espaços escolares é diária, uma vez que, é na escola que muitos alunos passam a reconhecer a pluralidade de corpos e de acordo com o contexto em que cada um está inserido tanto nas relações familiares quanto cultural e social pode viabilizar ou inviabilizar a diversidade sexual. Um dos exemplos comuns e evidentes no contexto escolar, é quando um aluno vem de família que perpassa a perspectiva heteronormativa, ao se deparar com a pluralidade de corpos na escola destila possivelmente práticas preconceituosas, muitas vezes são destacados de formas indiscretas sem o reconhecimento do discurso preconceituoso, “há aqueles que sabem que estão sendo homofóbicos, mas há aqueles que não entendem que uma piada, uma atitude são expressões homofóbicas” (Silva, 2019, p.71).

Esses tipos de discursos são recorrentes nas escolas, um exemplo disso é quando um aluno pratica piadinhas sobre a performance homossexual como “bixinha”, “viadinho”, dentre outras. A pluralidade de identidades está presente nos espaços educacionais, nesse ambiente sempre existiu pensamentos sobre questões que permeiam a vida das pessoas LGBTQ+. De acordo com Borges e Battistella (2021) em uma atividade pedagógica que aborda a diversidade, um professor de artes foi alvo de homofobia na escola onde trabalhava, um pastor gravou um vídeo em que afirma que o trabalho, que chamou de “uma campanha de incentivo ao movimento LGBTQ+”. A atividade foi retirada da escola. Podemos notar, que diante a um contexto do conservadorismo estrutural abordar questões referente à diversidade sexual e de gênero na escola é um desafio.

Discursos segregadores distanciam a integridade das pessoas LGBTQ+ nos espaços escolares, processos de subalternização contribuem para a evasão escolar, porém essas evasões podem também ocorrer com os profissionais da educação básica, por ser um ambiente hostil para a performance da identidade homossexual, professores que sofrem preconceitos e discriminação não sentem-se confortáveis nesses ambiente. Silva (2019) destaca que, todo processo de discriminação, preconceito e ódio a todas as pessoas que apresentam identidade sexual diferente da norma é demarcada por uma cultura heteronormativa, tais perspectivas salientam que “talvez por fundamentos religiosos, talvez por um preconceito arraigado em uma educação tradicionalista onde o homem tem que ser heterossexual, casar e “fazer filho” (Silva, 2019, p.66, grifo do autor).

Vale ressaltar que, é inacreditável que em meio a tanta tecnologia e veiculação de informações, pessoas ainda reforcem ideais preconceituosos à comunidade LGBTQ+. Indago que por um lado existem pessoas lutando pelos seus direitos essenciais e por outro lado pessoas que disseminando o ódio, a violência e argumentos que anulam a diversidade dos corpos nos ambientes de socialização como na escola. Um exemplo evidente é o caso da deputada Erika Hilton, que luta pelas pautas LGBTQ+, Ribeiro e Vaz (2023), após análise exploratória salientam em uma perspectiva das lutas por direitos humanos:

Hilton destacou a complexidade das questões relacionadas à violência política direcionada a mulheres negras e LGBTQ+. Essa forma de violência transcende a dicotomia esquerda-direita, caracterizando-se como uma ameaça à democracia e à liberdade de expressão, afetando a sociedade como um todo (Ribeiro; Vaz, 2023, p.19)

Tais indagações mostram a exclusão das diferentes identidades LGBTQ+ na sociedade, inviabilizando a diversidade sexual e destinando caracterizações da homossexualidade como sinônimo pejorativo para classificar as pessoas homossexuais, tais sinônimos como “viadinho” “ele é gay” “bichinha”, são essas caracterizações que remete um ideal preconceituoso para classificar de forma subalterna as pessoas homossexuais. Nessa perspectiva, Louro (2009) destaca, tais associações a uma visão da heterossexualidade compulsória, ao qual o normal é ser heterossexual e todas as pessoas que diferem da heterossexualidade são classificadas como desviantes da norma social, desencadeando assim para as pessoas LGBTQ+ desafios para a permanência nas escolas.

Diante a um cenário de lutas e conquistas, é notório que a luta para o reconhecimento e a visibilidade da pluralidade de corpos presente nos ambientes educacionais deve ser diária através de intervenções, inclusão da diversidade, conscientização e promoção do respeito, principalmente no ambiente educacional, posto que, a escola é um lugar de normalização. De acordo com Souza, Gonçalves e Peralta (2022) a escola é um ambiente hostil para a comunidade LGBTQ+ em um relato sobre como a homossexualidade é interpretada por muitas pessoas no ambiente escolar, os autores destacam que:

Não entendia o que eu era, a minha sexualidade, mas as pessoas já haviam me rotulado como gay, viadinho, aí me reprimi, não querendo ser o que diziam que eu era [o rótulo imposto]. Então, por conta disso, sempre fui extremamente tímido, tinha pânico em me manifestar na sala de aula, pois quando tinha que falar algo, sempre vinha uma piadinha ou, ao menos, eu imaginava que viria [o rótulo] (Souza; Gonçalves; Peralta, 2022, p.90).

Perceber o relato destacado anteriormente, o padrão heteronormativo imposto pela sociedade no contexto escolar, sempre esteve em uma posição de descaracterização humana, tais perspectivas posiciona às pessoas LGBTQ+ à inferioridade em relação a heterossexualidade, os xingamentos e piadas é uma forma de reafirmar a norma da heterossexualidade em um ideal que reforça a visão de superioridade em relação às pessoas que pertencem as sexualidades outras, as normas estabelecidas socialmente se baseiam através das tradições impostas perpassadas de geração para geração (Rocha; Mafra, 2020).

A heterossexualidade compulsória é uma norma que coloca qualquer outras sexualidades como desviante, fora do padrão. “quando normas arbitrárias engendram relações de desigualdade, onde aqueles que não aderem ao heterossexismo social, por exemplo, são assumidos como minorias sociais” (Rocha; Mafra, 2020, p.60). Deste modo, a luta pelo reconhecimento e pela valorização da diversidade sexual na escola devem ser pautas durante os cursos de formação inicial e continuada de professores/as, para a inclusão de todas as pessoas, mas observando o cotidiano escolar é evidente que, infelizmente existem diversos processos de exclusão das pessoas LGBTQ+ na escola e também a professores homossexuais sobretudo docentes de matemática.

3 UMA PRÁTICA DE (IN)(EX)CLUSÃO

A escola é um ambiente desafiador para as pessoas LGBTQ+ vale ressaltar também que a comunidade LGBTQ+ no ambiente escola está sujeita a qualquer tipo de processo de exclusão, é destacado a invisibilidade ao reconhecimento identitário homossexual em relação a identidade heterossexual. “o ambiente escolar se apresenta como hostil/intolerante e violento em relação a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT’s), configurando-se, por muitas vezes, como espaço de produção e reprodução da LGBTQfobia” (Santos; Junior, 2022, p.554).

Muitas concepções ressoam que o padrão é ser heterossexual e todas as pessoas que não são heterossexuais não se sentem pertencentes ao ambiente escolar, sofrem preconceitos e não se reconhecem como pessoa LGBTQ+. Muitos estudantes ainda no ambiente escolar prefere não evidenciar a sua sexualidade com medo de sofrer preconceito e violência, até reforçam os ideais preconceituosos como forma de se enquadrar na tal referida “Norma”, para que outras pessoas não questionem a sexualidade por medo de sofrerem preconceitos, “as normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual” (Louro, 2001, p.548).

Nessa perspectiva, elaborado por ideais conservadores performar a identidade homossexual na escola é uma maneira de mostrar a pluralidade de identidades presente na sociedade, mas especialmente na escola muitos ressoam o primeiro contato com a diversidade, posto isso, muitos dos alunos passam por uma educação dentro de casa na perspectiva conservadora ao qual padroniza a heterossexualidade como unicidade nas relações de sexualidade, isto é, características de que a heterossexualidade é normal e outras sexualidades são denominadas como anormais.

Nessa perspectiva esses estudantes estão mais propensos a questionarem e praticar preconceitos contra a comunidade LGBTQ+, visto que, através do convívio familiar muitos questionamentos sobre a diversidade sexual pode perpassar em uma perspectiva preconceituosa durante a vida de alguns estudantes, Costa e Nascimento (2024) destaca, que a formação do indivíduo está correlacionada às

relações de convívio extra escolar demarcados por diferentes ideologias e paradigmas preconceituosos na identidade homossexual, “Isto é, os espaços da formação familiar, diversas vezes, são permeados por pensamentos preconceituosos e discriminatórios que não reconhecem as diferenças da vida social” (Costa; Nascimento, 2024, p.154).

A intolerância e o preconceito é uma característica desencadeada através das formas de exclusão e concepções discriminatórias para os corpos das pessoas LGBTQ+, estigmatizar e colocar em uma posição subalterna todas as identidades dissidentes são formas de reafirmação da norma heterossexual no ambiente escolar, ademais, essas práticas sempre foi um obstáculo para o reconhecimento identitário ao ser homossexual. Guacira Lopes Louro (1997) salienta que, a linguagem pode ser o campo estipulador para a desigualdade, a comunicação pode ser compreendida em um papel que subjetiva os gêneros, nesse sentido, “nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais - e da homossexualidade - pela escola” (Louro, 1997, p.67).

Corpos dissidentes são todas as pessoas que divergem da heterossexualidade e estão mais propensos a sofrerem processos de subalternização das identidades, sempre são os corpos a serem objetificados e colocados à margem da sociedade com paradigmas excludentes, assim Louro (2009) fundamenta que o status de normalidade da heterossexualidade coloca-a em posição superior para usufruir os direitos básicos como de educação e saúde, e as pessoas que divergem dos atributos heteronormativos não são merecedores de tais direitos, deste modo, “os outros, que fogem à norma, poderão na melhor da hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, retritivos, inferiores) (Louro, 2009, p.90).

Esses estereótipos construídos na visão da heterossexualidade compulsória retomam os conceitos dos corpos dissidentes, ao qual a existência é considerada irrelevante para a sociedade, conseqüentemente são corpos marginalizados perante aos direitos básicos essenciais aos seres humanos, um corpo dissidente é aquele que não se enquadra no padrão imposto pela sociedade heteronormativa, são os corpos passíveis de serem violentados, estigmatizados e até mesmo mortos (Moreira et al., 2024). No contexto de gênero e sexualidade corpos dissidentes são todas as pessoas que pertencem a comunidade LGBTQ+ “(Lésbicas, Gays, Bissexuais,

Transexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexuais, Assexuais e outros mais), os corpos queers” (Moreira et al., 2024, p.3).

A escola em um contexto cultural pode corroborar através dos discursos normalizadores para subordinar e colocar em uma posição inferior as pessoas LGBTQ+, diante os contextos de lutas e conquistas de direitos essenciais básicos é indispensável destacar que a sociedade ainda é majoritariamente conservadora e muitas perspectivas ressoam o papel das pessoas na performance identitária, de acordo com a norma da masculinidade atribuída como fundamental aos homens e a feminilidade às mulheres, mas a constituição de gênero é cultural e social. Para Judith Butler, gênero é uma construção individual de cada pessoa a partir dos aspectos culturais e sociais que cada indivíduo está inserido, “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente como corpos femininos” (Butler, 2003, p.24, grifo do autor).

Tais fundamentos, destacam aspectos importantes para o reconhecimento da diversidade sexual e da pluralidade de pessoas, visto que, cada indivíduo possui sua própria identidade e isso vai além e minimiza as imposições pelas concepções da heterossexualidade compulsória.

Para Judith Butler a discussão sexo/gênero são demarcados como um campo que questiona as relações da construção social do gênero de cada pessoa, a performance vai além da construção do binarismo de gênero (homens e mulheres), desta maneira, “o sexo também é uma categoria sociocultural e também é construído, ao lado de gênero, que é uma categoria construída a partir das práticas, discursos e vivências individuais dentro da sociedade (Freitas, 2018, p.231).

Performance, para Butler (2003), é a expressão do gênero que cada indivíduo se porta diante a sociedade, atos, se expressar, agir, falar são características que performam a individualidade identitária de cada cidadão. Nesse sentido, entende-se que a sociedade é plural e todas as pessoas podem performar sua própria identidade e ser livre para usufruir de todos os direitos básicos. Portanto, existe a necessidade conforme a realidade escolar em olhar para a diversidade de maneira inclusiva, visto que, existem diferentes maneiras de performar a sexualidade na sociedade e na escola, posto isso, questões que são referentes à gênero e sexualidade precisam estar presente na formação de professores, “Como

educadoras e educadores precisaríamos, pois, voltar nosso olhar para os processos históricos, políticos, econômicos, culturais que possibilitaram que uma determinada identidade fosse compreendida como a identidade legítima e não-problemática e as demais como diferentes ou desviantes” (Louro, 2011, p.65).

Vale ressaltar que a manutenção do poder na escola é constituído pela equipe de gestão, nesse sentido, se a concepção for conservadora, a escola pode ser um lugar de imposição para a performance homossexual, na gestão escolar o gestor detém do poder para as atividades administrativas, são através das atividades que recursos podem ser destinados a intervenções e fomentos de atividades dentro dos espaços escolares (Paro, 2010). Destarte, o papel do gestor escolar deve ser de proporcionar projetos e intervenções que abordem a inclusão de todas as pessoas na escola.

Em uma educação inclusiva é necessário a visibilidade da diversidade sexual no contexto escolar, visto que, torna o reconhecimento das diferentes maneiras de se expressar e performar a identidade de cada indivíduo, isso é uma forma de combate ao preconceito, visto que, mostra o empoderamento LGBT+ e evidencia para todas as pessoas que a sociedade é plural e qualquer sexualidade não heterossexual precisa ser respeitada com o mesmo reconhecimento da heterossexualidade, uma vez que de acordo com a constituição Federal de 1988 todas as pessoas são iguais perante a lei no artigo 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Brasil, 1988, não paginado).

Nesse sentido, diante ao que é exposto na Constituição federal de 1988, todas as pessoas têm o direito ao respeito, porém no âmbito educacional muitas dessas relações não são efetivadas de forma assertiva. A LGBTfobia está nas escolas, “essa violência gratuita a homossexuais é fruto de um discurso ainda vigente e dominante que a escola reproduz de uma heterossexualidade compulsória” (Silva, 2019, p.56).

Os professores precisam estar atentos às suas práticas pedagógicas para a inclusão de todas as pessoas na sala de aula, buscando sempre evidenciar aspectos sobre respeito e equidade na sala de aula, entretanto, “a valorização da diversidade de corpos presentes na escola deve ser foco principal nas perspectivas

pedagógicas, para o respeito de todas as identidades, fundamentando assim uma sociedade mais humanizada” (Santos; Junior, 2022).

De acordo com o ponto de vista acima, a concepção remete também ao mercado de trabalho e às formas de exclusão da comunidade LGBTQ+ nesses espaços, visto que, sempre estiveram frente aos desafios para a isenção no mercado de trabalho, especialmente no meio educacional. De acordo com Veras e Sampaio (2022) em um levantamento estatístico em G1 sobre preconceitos a profissionais LGBTQ+, 70% dos entrevistados se sentem inseguros no ambiente de trabalho por medo de sofrer preconceito relacionado a sua orientação sexual, portanto, muitos resguardam sua sexualidade como forma de resistência à Homofobia.

É nessa perspectiva que levo para o campo da educação matemática as mesmas indagações sobre o mercado de trabalho na educação para a comunidade LGBTQ+. Deste modo, destaco que professores homossexuais na docência em matemática passam por desafios para expressar a sua sexualidade naturalmente?, nos perguntamos que possivelmente essa questão seja complexa para ser respondida, visto que, existem associações à matemática à ser uma área masculinizada, ao qual a figura principal de um professor de matemática é um homem Branco Heterossexual que performa masculinidade no ambiente escolar, por conseguinte, “o campo da Matemática tem sido historicamente dominado por homens brancos, cisgêneros, que se identificam como heterossexuais, e isso limita os tipos de soluções criadas para resolver problemas que marginalizam outras pessoas” (Guse; Esquincalha, 2022, p.946).

Nesse sentido, Muitos são os processos que reprimem e estigmatiza o corpo homossexual sempre sujeitos aos marcadores sociais de exclusão e discriminação, vale ressaltar que é inacreditável que a homofobia está presente nos espaços escolares, isso porque, a escola é uma instituição que contribui para o processo formativo dos cidadãos para o exercício da cidadania. Então, está inserida nela cotidianamente é notar que a comunidade LGBTQ+ enfrenta diferentes lutas e resistência para serem a legitimação dos direitos. Deste modo, Cordeiro, Thiego e Rios (2022, p.188) relaciona, quais corpos no meio social adjetiva como normal “ ser normal nesses moldes, é estar em encontro ao que foi construído como natural”.

Os autores também destacam paradigmas normalizadores, “o corpo normal, nesse cenário, é o corpo-homem, corpo-branco, corpo-heterossexual, corpo-cristão,

corpo-sem-deficiência, corpo-burguês e, por consequência, se configura espelhado como o corpo-eurocentrado” (Cordeiro; Thiego; Rios, 2022, p.189). Então, a associação da identidade do corpo homossexual como “fora do meio”, ou seja, aqueles que não se enquadra nas perspectivas cisheteronormativa, estimula os processos de invisibilidade aos direitos constitucionais conquistados pela comunidade LGBTQ+.

Ser Homossexual em uma sociedade predominantemente conservadora é estar frente cotidianamente na luta contra preconceitos e discriminações nos espaços sociais, Vale salientar que, a luta por direitos também está presente nos espaços escolares, uma vez que a inclusão nas relações interpessoais com professores e funcionários da escola podem ser acometidos por embates e aciramentos, visto que, por um grupo seguir a as concepções da normalidade sexual da heterossexualidade compulsória e um outro grupo ser inclusivo e que reconheça a diversidade de corpos. Esses embates são evidenciados a discursos que segregam, como é o caso de falas de professores no qual coloca em uma posição inferior às pessoas homossexuais, muitas vezes os próprios professores são os responsáveis por destilar preconceito e discriminação de forma direta ou indireta. Sepulveda e Sepulveda (2019) destacam que essas concepções são marcadas por uma onda conservadora, impactando tanto os currículos escolares e também os comportamentos humanos nos espaços escolares.

O despreparo profissional para fomentar reflexões sobre o respeito é uma realidade entre os profissionais, muitos professores não têm o devido contato com aparatos teóricos sobre gênero e sexualidade durante a formação inicial, deixando assim lacuna nos aprendizados pedagógicos de equidade e respeito para o ambiente escolar. O campo da docência em matemática sempre foi visto como uma área masculinizada. Segundo Cordeiro, Thiego e Rios (2022) existem concepções sobre quais corpos estão mais propensos a escolherem os cursos para atuação em determinadas profissões, para os autores alguns cursos são predominantemente masculinos e outros femininos, em especial a matemática é caracterizada como um ambiente masculino e como evidenciado por Cordeiro, Thiego e Rios (2022, p.191) “ciência masculina branca heterossexual”, a figura do professor de matemática sempre foi vista como um homem heterossexual, branco de classe social dominante.

Da mesma maneira, percebemos que os cursos, de forma geral, possuem cores e classes sociais fundantes, em que esses marcadores, junto com os gêneros e as sexualidades operam como classificadores para ditar os corpos que são condizentes (ou não) para determinados espaços, cursos e profissões, reverberando nas escolhas e identidades profissionais (Cordeiro; Thiego; Rios, 2022, p.190).

Esteriótipos sobre quais corpos podem ocupar determinados espaços, acarretam em processos de exclusão e associam ideias de incapacidade para profissionais na atuação da profissão por serem minoria, como é o caso dos professores homossexuais de matemática, vale salientar também que tais processos de exclusão podem ser gerados a partir da performatividade homossexual nos espaços escolares influenciado por xingamentos do tipo “o professor é bichinha”, esteriótipos sobre a performance de gênero são formações que estão presente dentro da família dos alunos perspectiva que assemelha são características conforme exposto por Silva (2019, p.50), “falar de gays e lésbicas muitas pessoas são levadas a imaginar homens afeminados e mulheres masculinizadas”. O binarismo de gênero e como as pessoas se comportam diante a sua sexualidade reflete o teor preconceituoso na visão ao qual cada pessoa pertencente à comunidade LGBTQ+ é destinada a manter seus comportamentos.

Esses estereótipos se remetem também a pensamentos que segregam a comunidade LGBTQ+, são pensamentos como “aceito a homossexualidade mas andar junto eu não ando”, esses pensamentos corriqueiros presente na sociedade e no ambiente escolar, transmitem o discurso preconceituoso que colabora para a marginalização dos corpos homossexuais. Vale notar que, esses tipos de pensamentos sempre são/foram acometido por pessoas cis heterossexuais, no qual associam a figura da homossexualidade como sinônimo de perversão e também para eles ao ter algum tipo de vínculo é estar propenso a ser corpo de interesse para os homossexuais, conhecido como “se tiver amizade com o homossexual ele dará em cima de mim”, essas indagações retratam o comportamentos que estigmatiza pessoas que não seguem a heteronormatividade.

Com o passar dos anos, a heterossexualidade foi se tornando norma. Foram criadas regras, os padrões, uma estrutura de inteligibilidade social que condensa sentidos de normalidade à heterossexualidade e de anormalidade à homossexualidade (Amando; Cusati; Carvalho, 2019, p.131).

Nesse contexto, no que diz respeito à temática diversidade sexual, expressar a homossexualidade no ambiente escolar é uma forma de resistência contra aos processos de rejeição dos corpos ditos “Desviantes”, mas é um ambiente para a luta cotidiana contra os preconceitos que atravessam a diversidade. Silva (2019) destaca que o ambiente escolar é nortado por um conjunto de diferentes formas de se expressar nas relações entre as pessoas que compõem o espaço, porém é um ambiente assertivo de qualquer violência ou discriminação. Nesse sentido, a escola é um local onde os estudantes começam a vivenciar e ter contato com as diferentes formas de performance dos corpos, desta maneira, diferentes são as articulações de ideais preconceituosos nas relações interpessoais, sendo eles caracterizados pelos modos de expressar a sexualidade em sala de aula.

Pensar a pessoa homossexual em ambiente escolar e entendendo que a escola tem fundamental importância na vida de todo e qualquer indivíduo, pois é local que prepara para a vida e para o trabalho; entendendo ainda que esse é um ambiente hostil para os indivíduos que assumem sua orientação sexual ou identidade de gênero que foge da norma padrão (Silva, 2019, p.59)

É nesse viés de censura e repressão, que o conservadorismo atua como práxis excludente das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, visto que, formaliza discursos com ideais normatizadores. Promovendo assim projetos que perpassam sobre perspectivas dos debates de gênero e sexualidade a fim de eliminar a diversidade sexual nos espaços escolares. Não debater gênero e sexualidade é anular a configuração escolar e a realidade dos alunos LGBTQ+, deixando-os invisíveis diante a sociedade.

Sepulveda e Sepulveda (2016) em sua pesquisa retrata, pontos importantes e questionáveis sobre como o conservadorismo se desempenha em um contexto educacional.

Uma coisa é aceitar a homossexualidade outra coisa é ensinar as crianças a serem homossexuais. Por conta desses argumentos, há uma campanha conservadora nacional contra a inclusão da discussão de gênero nas escolas, contra uma pretensa homossexualização da sociedade. A campanha propaga o medo, o fim das famílias, tanto as nucleadas como as estendidas, e a depravação social. É preciso manter vivo o espírito religioso dentro da escola a fim de evitar a ideologia de gênero (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 148).

São esses tipos de narrativas que estimulam a não aceitação da diversidade nas escolas e como evidenciado por Silva (2019, p.59) “Entender que na escola existem alunos gays, professoras lésbicas, professores trans, porteiro gay, enfim,

sujeitos atravessados por orientações sexuais e de gênero deveria ser o primeiro indício para se trabalhar essa temática”. Deste modo, a censura das destas temáticas são relativamente desenvolvidas em projetos políticos com o teor conservador.

Intercalando as contribuições já abordadas Sepulveda e Sepulveda (2020) salientam que o conservadorismo é uma prática histórica que possui o objetivo na negligência das práticas que diferem dos seus ideais, desta maneira, falar de gênero e sexualidade para os conservadores não é papel da escola e sim da família. Em sua pesquisa os autores destacam que existem projetos que tem o objetivo da censura de articulações da temática gênero e sexualidade, são os movimentos que tramitam a proibição do debate de gênero em espaços educacionais, o ESP (Escola sem Partido).

Movimentos conservadores como “Escola sem Partido” (Mesp) e as teorias conservadoras baseadas no combate à tal “ideologia de gênero” vêm promovendo uma série de ataques ao campo educacional, seja por meio de projetos de leis nas diferentes câmaras legislativas ou através do pânico moral, produzindo um imaginário que compreende o gênero como alienígena, algo que estaria fora da escola e assim deveria permanecer.

O movimento conservador denominado Escola Sem Partido tem como uma de suas reivindicações a defesa de que x professorx é um mero instrutor e que não pode ter liberdade de ensinar suas ideias a partir de suas concepções pedagógicas, pois isso seria uma doutrinação política e ideológica, indo assim na contramão do que está presente na Carta Magna de 1988 (Sepulveda; Sepulveda, 2020, p.97-98).

Silva (2019) também destaca que é necessário e fundamental debater as questões que envolvem gênero e sexualidade na escola, visto que, analisar a função da escola como formadora de cidadãos é estruturar saberes práticos para viver conjuntamente na sociedade de forma ética, garantindo aos docentes, funcionários e alunos o respeito às diferenças.

Cabe o reconhecimento e visibilidade para minimizar os processos de padronização da performance, “é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo que ensinamos e que sentido nossos/as alunos/as dão ao que aprendem” (Louro, 1997, p.64). Nessa perspectiva, levar para a formação de professores de matemática temáticas, questionamentos e intervenções sobre gênero e sexualidade é parte fundamental nos currículos institucionais.

Partindo das concepções sobre o papel da escola na vida dos estudantes e a formação docente com vínculos na abordagens à aspectos de democracia para o

reconhecimento das temáticas na inclusão da diversidade sexual, é notório que nas escolas indivíduos LGBTQ+ ao expressar sua orientação sexual podem sofrer diferentes processos de subalternização como discriminações e violências. Nesse sentido, “a docência implica, aos(as) professores(as), uma série de desafios diários que são inerentes ao exercício de ser educador(a), questões essas que independem da sexualidade ou do gênero” (Gomes; Miranda, 2023, p.2).

Articular gênero e sexualidade na formação de professores de matemática e na educação básica, promove a visibilidade da diversidade sexual e minimiza os processos de exclusão da comunidade LGBTQ+ nas salas de aula, mesmo com considerável acervos de pesquisas que abordam gênero e sexualidade em educação matemática abordado em diferentes perspectivas, ainda é preciso muito ao se fazer para mudar algumas perspectiva errônea da diversidade sexual e a educação matemática. Ole Skovsmose como um pesquisador da área da educação matemática crítica contribui “para a educação matemática crítica, é importante abordar criticamente qualquer forma de leitura e escrita com a matemática” (Skovsmose, 2017, p.34).

A importância das articulações são afirmadas através dos estigmas criados por grupos que se autodenominam conservadores, sob esse olhar enquanto determinados grupos de resistência lutam por direitos constitucionais básicos, outros grupos sociais estimulam e repreende, qualquer sexualidades que divergem da cisheteronorma e excluem debates que envolvam questões sobre gênero e sexualidade no contexto escolar, “a heteronormatividade flagela toda uma sociedade, pois não vitimiza apenas as pessoas que divergem das condições normativas impostas, mas também o violador do direito humano” (Cardoso et al., 2020, p.36).

Nesse sentido, a hostilidade de estar presente nesses espaços deve ser erradicada através de indagações que desenvolvam o reconhecimento das diferentes maneiras de performances das sexualidades no ambiente escolar, desta maneira, cabe desenvolver conjunturas essenciais para incluir gênero e sexualidade na educação matemática.

4 GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES

Diferentes significados são atribuídos para a educação matemática um deles é o paradigma da associação de ser uma disciplina exata neutra e isenta dos debates que permeiam o campo das reflexões sociais, ou seja um ensino que serve apenas para a compreensão do aprendizado referente aos algoritmos numéricos e fórmulas matemáticas. Podemos destacar que é a visão de um ensino tradicional da matemática ao qual as associações corroboram para a invisibilidade da inserção de contextos sociais no ensino da matemática. Neste entendimento as práticas pedagógicas diante a um cenário contemporâneo, Paulo Freire (1996) ressaltar concepções na perspectiva da educação como prática libertadora sobre o papel ativo do aluno nas relações dos conhecimentos, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p.12).

A matemática possui papel na função da constituição de uma sociedade democrática. Questiono que as reflexões sociais podem estar presentes na educação matemática e que podem contribuir através dos aspectos da matemática crítica, Ole Skovsmose (2017) fundamenta concepções da educação matemática crítica e outras formas de descolonizar o ensino da matemática, “é importante desafiar presunções e preconceitos e, desta forma, fornecer revisões de algumas leituras e escritas do mundo” (Skovsmose, 2017, p.33). O entendimento e leitura de mundo com a matemática é uma proposta contemporânea da educação matemática humanista.

O ensino da matemática por muito tempo foi atravessado por estereótipos ao que diz respeito aos privilégios para determinados grupos de indivíduos, para o campo das exatas o corpo docente do ser professor de matemática sempre foi associado a uma visão de ser um homem branco heterossexual de classe media alta, tais visões mostram a hegemonia culturalmente estabelecida na sociedade que marginaliza qualquer outras identidades que divergem da norma social imposta.

No campo epistemológico do conhecimento matemático a necessidade das abordagens que atribuem contextos sociais e históricos especialmente gênero e sexualidade no ensino da matemática é importante para o reconhecimento da diversidade de corpos e corrobora para um ensino progressista, no qual o aluno é

um agente ativo nas relações de saberes, o desenvolvimento crítico é o papel fundamental. Freire (1967) destaca que para a construção de uma sociedade democrática com visões do respeito e equidade é necessário que as relações de aprendizagem se fomentem de forma crítico-reflexiva diante as situações problemas, nesse sentido para a educação matemática o papel ativo dos estudantes diante aos contextos de aplicação da matemática é necessário para as conjunturas dos aspectos de democracia.

Pedagogias contemporâneas fundamentam perspectivas para a elaboração de metodologias e práticas pedagógicas para o ensino da matemática durante a formação de professores, destaca-se dentre elas a pedagogia decolonial ao qual refere-se, “ a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, que concebe a pedagogia como política cultural” (Oliveira; Candau, 2010, p.28), e a pedagogia Queer, para Guacira Lopes Louro a pedagogia Queer vai confrontar todos os processos normalizadores no contexto escolar, tanto perspectivas que normalizam o ensino quanto os corpos ditos desviantes, pedagogia queer vai além do entendimento sobre o significado “QUEER”, o estranhamento, vai proporcionar ao docente outras visões de quebra dos padrões heteronormativos dentro dos espaços escolares (Louro, 2001).

Um currículo e uma pedagogia na perspectiva Queer, é uma necessidade urgente para a formação de professores, posto que:

O combate à homofobia – uma meta ainda importante – precisaria avançar. Para uma pedagogia e um currículo queer não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados” (Louro, 2001, p.550).

Com fundamentos semelhantes às duas pedagogias tem como foco principal minimizar os processos normalizadores referente às práticas pedagógicas dos professores e possibilitar o reconhecimento da diversidade sexual. E como estruturas democráticas desenvolvem conjunturas sobre equidade e respeito para a integração de todas as pessoas nos espaços escolares.

Levar para a formação inicial de professores práticas e concepções sobre a pedagogia decolonial e a pedagogia queer deve ser um papel importante de uma formação mais humanizada, visto que, elabora a visão inclusiva e mostra as diferentes maneiras de um ensino da matemática além das práticas tradicionais,

contribui com intervenções, práticas que inclua todas as pessoas no ensino da matemática, “para que a escola discuta gêneros e sexualidades em seu caráter multidimensional, é preciso que a formação docente contemple esses aspectos” (Guse; Esquincalha; Moura, 2021, p.231).

As relações dos saberes matemáticos podem contribuir com questionamentos, problematização e o conhecimento reflexivo nos contextos sociais, perspectivas sobre contextos sociais podem estar em conteúdos matemáticos através de situações problemas para o reconhecimento de diferentes situações no ensino e aprendizagem da matemática, nessa situação gênero e sexualidade também possui sua importância no ensino da matemática, levar para as questões dados que abordem a diversidade sexual devem fazer parte das aulas de matemática como é exposto na visão da pedagogia Queer como forma de descolonizar o ensino “engessado” da matemática, Paulo Freire (1967) nos evidencia que uma pedagogia contemporânea é necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo do aluno.

A matemática também tem importância para contribuir para minimizar os problemas sociais que recorrem à intolerância da diversidade sexual nos espaços escolares. Nesse cenário, “a matemática em si é um tópico sobre o qual é preciso refletir” (Skovsmose, 2008, p.16). O ensino da matemática para além das relações sociais, possibilitam o entendimento de mundo através do campo problematizador, a fim de tornar visível contextos sociais importantes para a promoção do respeito nas relações interpessoais dos indivíduos.

Ser professor é estar preparado para lidar com diferentes situações dentro da sala de aula, especialmente ser docente na área da matemática é também estar preparado não só para o ensino dos algoritmos de cálculo mas também contextos que façam refletir sobre contextos sociais. Entretanto, os professores de matemática devem repensar suas formas de fazer docência para a cidadania, visto que, a matemática tem um papel fundamental para o desenvolvimento da sociedade, pois pode ser usada para o bem da sociedade ou para conflitos, como é o caso das armas nucleares (D’ Ambrósio 2013).

A formação inicial e continuada de professores são fundamentais para a profissão docente, indagar contextos de gênero e sexualidade no ensino da matemática através de contextos, situações problemas é uma necessidade para as pedagogias contemporâneas “como educadoras e educadores precisaríamos, pois,

voltar nosso olhar para os processos históricos, políticos, econômicos, culturais que possibilitaram que uma determinada identidade fosse compreendida como a identidade legítima e não-problemática e as demais como diferentes ou desviantes” (Louro, 2011, p.65).

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, são abordados os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, expondo sobre: classificação da pesquisa, amostragem, instrumentos de coleta de dados e técnicas de análises dos dados utilizados para alcançar os objetivos propostos.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O estudo circunscreve na abordagem qualitativa, ao qual tem por objetivo analisar a natureza dos significados de estudo.

Em um estudo qualitativo a busca por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, utiliza uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados. Os instrumentos para constituição de dados geralmente utilizados são: questionários, entrevistas, observação, grupos focais e análise documental. (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015, p.57).

O método foi escolhido para nortear de forma eficaz a análise da pesquisa, como é exposto nos currículos ao qual a escola também precisa abordar aspectos sobre diversidade, equidade, e questões étnicos raciais. Deste modo, desenvolver por meio dos fundamentos teóricos a análise e teorização dos dados na perspectiva de gênero e sexualidade na educação matemática é um proposta norteadora para a inclusão de todas as identidades no contexto escolar, para a interpretação subjetiva das perspectivas de cada entrevistado, posto que, os fenômenos em análise é uma necessidade e urgência na educação brasileira.

Resultado de um forte esforço para o desenvolvimento da presente temática na educação matemática, esse estudo proporciona a proximidade da perspectiva crítica do ensino da matemática além do ensino de algoritmos numéricos e como o problema do preconceito e discriminação permeiam esses espaços, para a formação docente as práticas pedagógicas para um ensino eficiente na contemporaneidade, essa temática é uma proposta de conscientizar e observar a necessidade de um ensino com aspectos de democracia.

Entretanto, trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo no qual para Gil (2017) tem por objetivo analisar aspectos sobre opiniões, crenças e particularidades

de cada participante a fim de investigar as possíveis conexões das abordagens teóricas com as concepções de cada entrevistado. A partir disso, nosso estudo tem como objetivo analisar as considerações de professores homossexuais atuantes no ensino da matemática em escolas da rede pública de Pernambuco, a fim de constatar os desafios e estorvos na performance da identidade homossexual nesses espaços, por meio de práticas que permeiem os estudos de gênero e sexualidade contribuir para o fomento de um ambiente mais humanizado.

Nesse entendimento, pretendemos analisar as contribuições dos discentes em matemática da educação básica de Pernambuco para analisar e colocar em evidência a realidade de muitos profissionais homossexuais como docente em matemática no contexto da sala de aula, o qual pode ser um ambiente repressor à identidade de muitas pessoas que pertencem à comunidade LGBTQ+.

No entanto, no aspecto qualitativo optou-se pela entrevista semiestruturada ao qual abrange diferentes significados para a análise do estudo e possibilita um leque diversificado de diferentes perguntas e respostas, não se limita a estrutura fechada, mas na flexibilidade de perspectivas que vão além do roteiro, é uma proposta de entrevista assertiva para análise de concepções referente ao contexto educacional (Manzini, 2004).

Nesse aspecto, a finalidade consiste em compreender perspectivas sobre a inclusão de gênero e sexualidade na educação matemática, explorando novos conceitos com base nas teorias ao qual nos baseamos na pesquisa. Para isso esse capítulo é dividido em sujeitos da pesquisa, instrumento de coleta de dados e sua classificação enquanto meio de obtenção de dados para a análise e possíveis contribuições a partir da fundamentação teórica.

5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Durante o percurso acadêmico na Universidade Federal de Pernambuco Campus Agreste e diante aos estagiário e regências de aulas, questionamos diferentes processos de subordinação das temáticas de cunho social como é debater gênero e sexualidade na educação matemática, pensando na formação de professores de matemática e o ser homossexual em uma sociedade majoritariamente machista, conservadora e preconceituosa.

Nesse sentido, destacamos os critério de seleção dos sujeitos se baseiam na seleção de professores de matemática abertamente gays que lecionam matemática no ensino básico público, abertamente significa dizer que todos do ambiente escolar reconhece a orientação sexual de cada professor, aos quais lecionam em diferentes escolas, no intuito em dar ênfase nas diferentes perspectivas dos professores na educação básica do estado de Pernambuco, sendo 4 professores entrevistados, 1 de Recife e 3 de Caruaru todos atuantes tanto no ensino fundamental II como no ensino médio.

É importante salientar que, para garantirmos preservar suas identidades de acordo com princípios éticos, cada participante foi identificado com nome fictício no tópico das análise dos dados.

Considerando o pressuposto de proteção e sigilo dos entrevistados como exposto no TCLE, utilizaremos para nomear cada professor entrevistado os seguintes nomes fictícios em homenagem às pessoas LGBTQ+ que marcaram a história de lutas e conquistas de direitos LGBTQ+: Prof. Turing, Prof. Wyllys, Prof. Haring e Prof. Tibira.

5.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Diante do exposto no tópico anterior, a coleta de dados foi realizada através da entrevista semiestruturada com o foco na busca das concepções dos professores entrevistados, foram realizadas uma entrevista para cada professor, totalizando 4 entrevistas via google meet, nessa perspectiva as entrevistas foram gravadas com o uso do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para a análise dos dados.

Com a abordagem qualitativa a entrevista semiestruturada a preocupação central da pesquisa estará com foco principal nas concepções dos professores acerca do entendimento da realidade escolar para os professores homossexuais docentes em matemática, com ênfase nas abordagens de gênero e sexualidade na educação matemática, notando possíveis relações com aspectos da ditadura militar, heterossexualidade compulsória e o conservadorismo como formas da estrutura de poder hierárquico na subalternização das identidades das pessoas homossexuais no ambiente escolar.

5.3.1 Elaboração do Roteiro

O roteiro para a entrevista foi desenvolvido baseado nos objetivos da presente pesquisa, a fim de responder o problema de pesquisa. Com base nisso o roteiro foi desenvolvido em três temas: vivência docente como pessoas homossexuais, relações interpessoais entre os sujeitos nos possíveis processos de discriminação, e as contribuições de gênero e sexualidade nas aulas de matemática. Tais fundamentações sobre os três temas ajudaram na análise das perspectivas dos 4 professores entrevistados, ao qual serão questionados sobre as experiências vividas e como as aulas de matemática podem ser potencializadoras para incluir a diversidade sexual e de gênero.

Para isso os questionamentos foram pensados para entender como os processos heteronormativos acometem a identidade dos professores homossexuais dentro da escola, possibilitando maior flexibilidade nas respostas dos entrevistados para assim instigar as contribuições de cada professor entrevistado. Nesse sentido as perguntas desenvolvidas foram:

1. SOBRE SUA TRAJETÓRIA DOCENTE, QUAL SUA CONCEPÇÃO SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR PARA AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS. COMO PERCEBES OS DESAFIOS PARA PERFORMAR A IDENTIDADE NESSE ESPAÇO?
2. QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O RECONHECIMENTO DO SER HOMOSSEXUAL E PROFESSOR DE MATEMÁTICA?
3. PROFESSOR PARA VOCÊ, JÁ HOUVE QUESTIONAMENTOS EM RELAÇÃO A SUA SEXUALIDADE COMO PIADAS DEPRECIATIVAS, XINGAMENTOS E DISCRIMINAÇÕES DURANTE A VIVÊNCIA DOCENTE, VOCÊ GOSTARIA E SENTIRIA A VONTADE DE FALAR SOBRE?
4. CONTRIBUA JUSTIFICANDO COM SUA PERSPECTIVA SOBRE, O DEBATE DE GÊNERO E SEXUALIDADE DEVEM ESTAR PRESENTE DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA?

5. VOCÊ PODERIA CONTRIBUIR COM A DESCRIÇÃO DE UMA ATIVIDADE OU INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA QUE INCLUA A COMUNIDADE LGBT+ NAS AULAS DE MATEMÁTICA.

Nesse entendimento, o roteiro não se restringe apenas na formulação de respostas fechadas, mas serve de aporte para a fluidez das respostas dos entrevistados para melhor compreensão dos significados, para a respostas dos objetivos da pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Crenças sociais sobre significados construídos para as atribuições dos papéis de gênero sempre foram temáticas que permeiam a identidade das pessoas ditas desviantes, fora da norma, todos os corpos que divergem das concepções da heterossexualidade compulsória.

O campo da Educação opera, muito expressivamente, na perspectiva da heteronormatividade – ou seja, dentro da norma heterossexual, quer dizer, no entendimento de que todo mundo é, ou deveria ser, heterossexual. Assumimos que esta seria a forma “natural” de sexualidade, esquecendo que todas as formas de viver a sexualidade são construídas ao longo da vida, são aprendidas e controladas (Louro, 2011, p.66-67).

Nesse sentido, entende-se que a escola é um espaço normalizador aos paradigmas de que todas as pessoas precisam ser heterossexuais e todas as outras que não seguem essas normas são associados com atos, discursos e práticas que os colocam em uma posição inferior aos direitos de respeito e equidade.

Para isso abordar aspectos sobre a homossexualidade no ambiente educacional e como os dispositivos de controle de uma heterossexualidade como norma a ser seguida, é salientar que todas as pessoas ao qual pertencem a comunidade LGBTQ+ estão sujeitas a ser invisibilizadas nesses espaços. Portanto, a identidade homossexual como docente em matemática muitas vezes são atribuídos padrões para ser um professor nessa área como Guse, Esquincalha (2022) ressalta que, historicamente foi constituído por homens brancos heterossexuais de classe média alta, predominantemente, muitas pessoas ainda associam essa perspectiva para o ser professor de matemática. Guacira Lopes Louro destaca:

há lugares, falas, gestos, profissões, atividades, sentimentos sobre os quais se costuma dizer que são de mulher e não de homens. Há linguagens, espaços, moda, direitos, ofícios, sobre os quais costumam dizer que são para gays e não para héteros (Louro, 2011, p.65).

Nesse sentido, o estudo circunscreve nas abordagens das perspectivas dos 4 professores entrevistados por meio da entrevista semiestruturada realizada entre o período de 25 de outubro de 2024 a 01 de novembro de 2024, sendo realizadas de forma individual via google meet. Deste modo, após analisar as contribuições de cada professor referente ao que é exposto no roteiro, foram observados e categorizados os dados de acordo com as respostas dos professores por cada

questão, abordando as possíveis reflexões com os fundamentos teóricos e semelhanças ou distinções entre cada respostas dadas pelos professores.

Para isso utilizamos as nomenclaturas para cada sujeito da pesquisa (Professores) como Prof. Turing, Prof. Wyllys, Prof. Haring e Prof. Tibira. Diante o exposto, as entrevistas foram gravadas para serem redigidas nas análises de dados, para as entrevistas foram desenvolvidas de forma individual, no qual cada professor acessou um link único de acesso para entrar na chamada via google meet, cada entrevista foi realizada de maneira individual e fechada com o entrevistador (Wesley) e o professor entrevistado, totalizando 4 entrevistas, com o Prof. Turing a entrevista durou cerca de 12 minutos, com o Prof. Wyllys durou cerca de 29 minutos, com o Prof. Haring durou cerca de 19 minutos e com o Prof. Tibira 16 minutos. Todos os professores se sentiram à vontade para contribuir da maneira que desejar sobre as perguntas do roteiro.

Nesse sentido, totalizando 20 contribuições ao todo, visto que, cada professor atribuiu concepções significativas nas 5 perguntas, nenhuma pergunta ficou sem respostas. Para isso a análise será dividida em tópicos ao qual cada tópico será abordado as contribuições dos 4 professores referente a cada pergunta dispostas no roteiro da entrevista semiestruturada.

A seguir apresentaremos cada tópico com as referidas perguntas, com suas respostas organizadas em categorias temáticas com aspectos essenciais para as possíveis articulações com os fundamentos teóricos.

1) SOBRE SUA TRAJETÓRIA DOCENTE, QUAL SUA CONCEPÇÃO SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR PARA AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS. COMO PERCEBES OS DESAFIOS PARA PERFORMAR A IDENTIDADE NESSE ESPAÇO?

Nesse sentido, a escola é um ambiente hostil para a performance da identidade homossexual como docente em matemática, historicamente a sociedade sempre atribuiu significados para quais corpos devem está em determinadas profissões, como Louro (2011) ressalta sobre os lugares que são predominantemente masculino e ou femininos. Culturalmente performar a identidade homossexual na escola é sinonimo de luta e resistência, visto que durante o periodo ditatorial as pessoas que não seguiam a tal referida norma eram perseguidas e

tinham seus direitos sociais negados, devido ao advento da Aids no qual nesse período era denotado como peste gay (Ribeiro; Soares; Fernandes, 2009).

Socialmente a visão estabelecida ao sujeito homossexual sempre esteve presente de forma pejorativa nas perspectiva da heterossexualidade Compulsória (Louro, 2009).

Nesse entendimento:

Atualmente as sexualidades são mais aceitas no ambiente escolar, porém ainda existem tabus em expressar a sexualidade, muitos docentes ocultam com medo das represálias tanto da escola quanto dos alunos, mas a geração dos jovens atualmente está mais aberta em relação a 20 anos atrás em que comecei a lecionar matemática na educação básica no estado, o desafio são as perguntas do tipo o senhor é casado ou solteiro, visto que, a sociedade ainda possui a perspectiva de que os casais só são formados por pessoas heterossexuais (Prof. Turing).

Entendemos que o Prof. Turing coloca de acordo com as concepções da heterossexualidade como norma a ser seguida, na escola alunos, professores e equipe escolar também são responsáveis pelos discursos normatizadores dos corpos em uma perspectiva heteronormativa, acabando por promover um ambiente desafiador para as identidades dissidentes.

Nesse sentido, quando você enquanto professor inserido no espaço escolar em primeiro momento você se sente abraçado, mas com o passar do tempo notei certas resistências, em reuniões de colegiado as temáticas LGBTQ+ apareciam como forma de cutucar a gente mesmo, quando comecei a lecionar notei que na escola existia um grupo de professores LGBTQ+ e essas discussões começavam a surgir como uma forma de nos incomodar e sem fundamentos, na escola sempre notei brincadeiras de cunho homofóbico como seu “viado”, “fresco”, usadas como forma de ofender as outras pessoas. Indo além, ações pedagógicas quebram essas perspectivas da heteronormatividade, em um dia usei um leque para dar aula e isso minimiza os processos heteronormativos (Prof. Wyllys).

Podemos notar que na fala do Prof. Wyllys, como Silva (2019) ressalta que a escola é um ambiente desafiador, hostil mas também um ambiente de resistência para o reconhecimento da identidade Homossexual, deste modo, é semelhante ao que o professor contribui e as ações pedagógicas são um dos meios para fomentar as relações de respeito e equidade, levar para o contexto escolar atividades que incluam todas as pessoas desenvolve para muito o pertencimento aos espaços escolares.

Além das questões de gênero por ser um homossexual e negro de origem humilde perpassa por diferentes situações, nesse quesito foi

uma estrutura muito complexa atualmente trato com mais naturalidade a minha sexualidade, mas nem sempre foi assim no decorrer da minha trajetória foi muito complexo. Na questão da performance, ser gay é difícil em qualquer ambiente, trato minha sexualidade de forma natural mas já houve momentos da minha vida que não foram assim, como culturalmente a sociedade ainda carrega o machismo performar em diferentes escolas públicas, existiram processos de censuras para evitar atritos ou embates (Prof. Haring).

Com a fala do Prof. Haring, a sociedade ainda carrega consigo marcas de lutas contra o racismo e a homofobia, os marcadores sociais de exclusão ao qual ser gay já é uma posição para sofrer preconceito e ser gay e negro é mais recorrente a subalternização desses corpos. Podemos ressaltar nas relações interpessoais das pessoas no contexto escolar, perspectivas sobre qual corpo estão mais propensos a serem marginalizados, remete ao marcadores sociais, ou seja, o corpo minoritário sempre será passível de sofrer preconceitos como é evidenciado pela visão idealizada ao ser homossexual por Weber, Gevehr e Schwambach, 2022.

O ambiente escolar desde sempre esteve em constante mudanças, desde meu início como docente em matemática posso parafrasear diferentes momentos que pessoas, professores e trabalhadores da educação que são homossexuais tiveram que ficar resguardados nas formas de falar e desenvolver práticas, para que não gerasse desconfortos nas relações entre colegas, equipe gestora e com os estudantes, ou seja, as performances deveriam ser silenciadas e até mesmo faziam com que profissionais se declarasse heterossexuais para não ficarem excluídos em algumas situações, tenho mais de 18 anos de prática docente sabemos que existem uma grande lacuna e muitos profissionais e estudantes não se sentem à vontade para expressar sua sexualidade (Prof. Tibira).

Abordando as respostas de todos os professores referentes ao quesito 1 do roteiro, notamos que todos questionam que a escola é um ambiente ao qual a homossexualidade é visto como anormalidade na perspectiva heteronormativa, marcas do período ditatorial ao qual estigmatizava todos os corpos ditos desviantes (Louro, 2009).

Porém essas marcas ainda se faz presente atualmente e coloca em uma posição de desconforto todas as pessoas homossexuais como docente em matemática, as concepções mostram que muitos profissionais na educação silenciam a sua sexualidade como forma de combater os embates tanto com questionamentos vindos de estudantes quanto da equipe de gestão.

Preconceitos são recorrentes de forma cotidiana nas escolas, apelidos como “Você é gay”, “viado” entre outros, são utilizados pelos próprios estudantes como

sinônimo de descaracterização das pessoas, esses sinônimos são usados como forma de afirmação da heterossexualidade como a única alternativa para a sexualidade humana e todas as pessoas que não seguem esses ideais são reconhecidas como fora da norma, desviantes e ou anormais, classificados como não merecedores de direitos básicos e de respeito no ambiente escolar.

Isso retoma o machismo estrutural ao qual grupos conservadores corroboram para invisibilizar a diversidade sexual e de gênero, como é o caso do ESP (Escola sem partido) (Sepulveda; Sepulveda, 2020). Necessitamos do reconhecimento da importância do respeito nas salas de aula e contribuir com práticas pedagógicas é uma urgência para o ensino da matemática de forma humanizada que aborde aspectos de justiça social aos grupos que por muito tempo foram colocados como seres abjetos a margens da sociedade, tratar a sexualidade de forma natural também reforça a visibilidade da homossexualidade no ambiente escolar, levar outras práticas como a aula com o leque reforçam as ideias de naturalização da homossexualidade nesses espaços.

Desta maneira, o quesito 2 vai adentrar mais nos aspectos sobre o ser homossexual e docente em matemática, o lugar do profissional docente em matemática ao qual retomam as concepções desenvolvidas por (Detoni; Mendes; Esquinca, 2024, p.7) “Quais corpos podem ocupar as ciências ditas exatas?”.

2) QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O RECONHECIMENTO DO SER HOMOSSEXUAL E PROFESSOR DE MATEMÁTICA?

Retomando que ser professor homossexual já é um desafio dentro dos espaços escolares, ser professor homossexual e de matemática é um desafio ainda maior, posto que, paradigmas são atribuídos aos corpos homossexuais ao que diz respeito na profissão a ser seguida e comportamentos diante a sociedade, Louro (2011) destaca concepções socialmente estabelecidas de que existem profissões para homens e outras para mulheres e também profissões para homossexuais e outras para heterossexuais.

São as questões dos tabus e a aceitação da homossexualidade no ambiente escolar, até os amigos de trabalho muitas vezes não aceitam seus posicionamentos, muitos dos colegas preferem que você seja uma pessoa oculta, não performar a homossexualidade é uma forma de repressão, ou seja, viver de forma escondida (Prof. Turing).

Isso retoma todas as concepções heteronormativas ao qual heterossexuais reforçam que “tudo bem ser gay, mas expressar a homossexualidade ai já é de mais” pensamentos como esse são formas de silenciar e colocar em uma posição inferior as pessoas homossexuais. Ideais de anormalidade a homossexualidade (Amando; Cusati; Carvalho, 2019).

Um dos principais desafios é a cultura, quando eu cheguei na educação básica notei que na faculdade o espaço é mais aberto para discutir gênero e sexualidade, na educação básica percebo que o alunado ainda possui as mesmas características preconceituosas de quando eu era estudante nos anos de 2008, o principal fator é a cultura e a religião, o corpo docente com ideais conservadores faz com que criamos uma resistência. Nesse entendimento, a formação de professores de matemática foi historicamente constituído majoritariamente por heterossexuais masculino, aos poucos as discussões de gênero atrelados a matemática começam a ganhar espaços da formação de professores de matemática, e você como pesquisador associado às questões de gênero com a matemática, algumas pessoas chegaram a conclusão que a partir desse momento não aceitamos mais e precisamos formar professores com pensamentos que não excluem as pessoas (Prof. Wyllys).

A partir da contribuição do Prof. Wyllys, podemos notar que, a necessidade de uma formação humanizada deve fazer parte dos currículos dos cursos de formação de professores de matemática, Freire (1997) também reforça que, as relações da criticidade dos conceitos é uma ferramenta importante para as conjunturas da educação básica.

Quando eu digo que sou professor de matemática as pessoas se espantam mas em relação a preconceitos não vejo muitos desafios, é mais pelo meu estilo eles olham para mim e não consegue identificar muito um professor de matemática eles colocam outras disciplinas é mais pelo meu estilo, leveza. Nessa perspectiva, entra mais no tipo de estrutura ao qual o professor de matemática precisa ser de uma forma específica (Prof. Haring).

A contribuição acima nos remete ao entendimento de construção identitária e o gênero para Butler (2003) o gênero é uma construção cultural e social, cada pessoa possui sua própria identidade com diferentes maneiras de se expressar. Então, os desafios para o reconhecimento do ser professor de matemática faz a entender que cada pessoa possui diferentes desafios, pois é de acordo com cada individualidade que cada professor homossexual vai perceber seus próprios desafios para ser professor de matemática.

Não vejo aspectos que remete a ideia de que um professor de matemática por ele tenha dificuldade para relacionar o ser homossexual com professor de matemática, mas de outra área como por exemplo ele é professor de arte, isso já retoma a ideia de que possivelmente ele é homossexual (Prof. Tibira).

Interrogando podemos tirar a conclusão 50% dos entrevistados, no quesito 2 não nota muito aspectos ao qual os impossibilitaram a ser um professor de matemática homossexual, mas destacam que esteriótipos estão presentes na sociedade ao qual destinam áreas específicas para as pessoas homossexuais, de forma que a cultura e fatores religiosos podem interferir no reconhecimento do ser professor homossexual de matemática. Remetendo ao posicionamento de Silva 2019, a escola é um ambiente assertivo para diferentes processos de exclusão que subalterniza as pessoas não heterossexuais.

3) PROFESSOR PARA VOCÊ, JÁ HOUVE QUESTIONAMENTOS EM RELAÇÃO A SUA SEXUALIDADE COMO PIADAS DEPRECIATIVAS, XINGAMENTOS E DISCRIMINAÇÕES DURANTE A VIVÊNCIA DOCENTE, VOCÊ GOSTARIA E SENTIRIA A VONTADE DE FALAR SOBRE?

O ambiente escolar é desafiador para a Comunidade LGBTQ+, xingamentos, preconceitos e discriminações são recorrentes nesses espaços, sendo assim analisar essa concepção para professores de matemática homossexuais torna-se fundamental para contribuir para a justiça social das pessoas que por muito tempo tiveram os direitos básicos negados. Os grupos que atuaram para o reconhecimento da identidade homossexual foram essenciais para a luta atual aos direitos sociais (Quinalha, 2017).

Sempre escutei piadas de alguns alunos como por exemplo ele é viado, mas eles nunca disseram diretamente para mim, mas você sabe que é para você e de certa forma é constrangedor (Prof. Turing).

A profissão docente é desafiadora e ser professor de matemática homossexual em um ambiente predominantemente heterossexual é um desafio ainda maior a ser lidado cotidianamente nesses espaços. Por ser uma autoridade na sala de aula os xingamentos, preconceitos e discriminações podem ser acometidas de forma indiscretas ao qual não é reconhecido de forma evidente a prática discriminatória mas colabora para os diferentes significados de segregação da identidade homossexual nos espaços escolares.

Eu sou professor na educação desde 2022 e de forma direta a mim nunca houve discriminações, mas eu observo que em alguns momentos certos receios do tipo “ele é meu professor não posso mexer com ele porque é alguém importante da escola”. Performar a identidade homossexual nos espaços escolares estamos mais propensos a sofrer preconceitos, pelas questões de religiosidade, historicidade e cultura. Temos alunos conservadores, pais conservadores, então uma expressão mais afeminada pode ser delimitada para sofrer preconceito (Prof. Wyllys).

A perspectiva acima nos leva a pensar que as práticas conservadoras na escola segregam a diversidade sexual e de gênero, inviabilizando as relações de respeito entre alunos e professores heterossexuais e homossexuais (Sepulveda; Sepulveda, 2016). Isso nos faz pensar que a permanência das pessoas homossexuais na escola pode ser reconhecida por diferentes adversidades e consequentemente acarreta na evasão, mostrando assim desafios para o acesso do direito básico de estudar.

Em momentos da minha vida, diretamente para mim não, antes eu ficava calado quando escutava questionamentos sobre a identidade homossexual mas hoje eu entro na conversa para impor alguns limites. A sociedade em si é machista então os xingamentos e discriminações estão presentes em todos os espaços na sociedade e no contexto escolar (Prof. Haring).

Já ouvi tantas perguntas e indiretas, porém o professor como autoridade precisa dar a resposta quando necessário e relevar, um exemplo é quando uma turma não tem uma relação muito boa com o professor e ser homossexual, em um momento ou outro os estudantes irão soltar uma gracinha ou uma pergunta que tentam lhe atingir, o professor precisa agir de acordo com sua inteligência emocional (Prof. Tibira).

Naturalizar e se impor diante a práticas que excluem a Comunidade LGBTQ+ nos espaços escolares deveriam e devem esta presente nas metodologias dos professores em qualquer disciplina, a naturalização da homossexualidade é uma prática fundamental entre as pessoas nos espaços escolares. Freire (1967) como pedagogia que elenca o papel ativo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, colabora com fundamentos essenciais para estimular reflexões de contextos sociais no ensino da matemática, sendo assim a contribuição do Prof. Haring e Prof. Tibira, nos proporciona que devemos sempre lutar pelos nossos direitos sociais, sempre se impor diante as práticas preconceituosas e ser agentes questionadores dos processos normatizadores dos corpos no contexto escolar.

4) CONTRIBUA JUSTIFICANDO COM SUA PERSPECTIVA SOBRE, O DEBATE DE GÊNERO E SEXUALIDADE DEVEM ESTAR PRESENTE DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA?

Nas experiências durante a graduação notamos que as temáticas de gênero e sexualidade não tem seu papel garantido na formação inicial de professores de matemática, nesse sentido, analisando as contribuições dos professores entrevistados, todos eles evidenciam aparatos essenciais para os cursos de formação de professores e os currículos das licenciaturas em matemática, em uma perspectiva ao qual destaca a importância dos debates que envolvem essas temáticas, visto que, nos deparamos com o ensino e com as relações humanas, assim todas as pessoas devem estar preparadas para o convívio harmonioso entre os sujeitos e respeito com todas as pessoas.

Com Certeza em todas as áreas, porém no ensino da matemática infelizmente temos professores com a mente mais fechada para essas temáticas, mas podemos notar novos professores que já tem a visão e desenvolvem trabalhos nessa temática das relações humanas de gênero, por exemplo eu como professor de matemática preciso sempre me atualizar, visto que, no ambiente escolar temos alunos com diferentes identidades. Nós como professores independente da área precisamos quebrar esse tabu de que o professor de matemática deve ser tradicional que só ensina cálculos e mais cálculos (Prof. Turing).

Skovsmose (2008) a matemática também possui papel importante na transformação da sociedade, D'Ambrosio (2013) também destaca que o uso da matemática pode contribuir para as relações de democracia e justiça social. Sob esses entendimentos, Instigar aspectos de gênero e sexualidade no ensino da matemática deve ser um reconhecimento inevitável entre os professores, independente da área, especificamente no ensino da matemática, os contextos sociais podem ser referências para o ensino da matemática e o entendimento de situações sociais através da análise de dados numéricos para chegar em conclusões.

Sim, uma vez que, a discussão de gênero e sexualidade sobre homossexualidade precisa estar inserido na formação inicial de professores de matemática, o professor que está sendo formado ele precisa tanto saber trabalhar o conteúdo na sala de aula quanto utilizar conteúdos matemáticos para incluir gênero e sexualidade como é o caso da estatística no uso de dados referente a contexto da comunidade LGBTQ+, ao mesmo tempo que eu estou trabalhando dados matemáticos eu tou trazendo uma ideia de um acontecimento

social, é importante dar notoriedade para a inclusão dessas temáticas no ensino da matemática (Prof. Wyllys).

Analisando a concepção do professor acima retratamos que a pluralidade de corpos está presente nos espaços escolares, pensar em alternativas e práticas pedagógicas que incluam todas as pessoas na sala de aula é o foco principal de uma educação mais humanizada (Santos; Junior, 2022). Nesse entendimento, nós futuros professores e professoras atuantes precisamos reconhecer que o espaço escolar também é um ambiente para a transformação da sociedade, são as práticas pedagógicas que irão contribuir para a valorização da diversidade sexual e de gênero nas escolas.

Toda temática social é importante fazer-se presente na formação inicial e continuada de professores de matemática, toda prática que tenha o objetivo de discutir gênero, religião e etnia são fundamentais. Eu já tive experiências de formação de professores e tivemos atividades envolvendo gênero, raça e religião (Prof. Haring).

Após a análise da contribuição do Prof. Haring, é fato que muito precisa ser feito na formação inicial e continuada de professores de matemática, a necessidade em debater gênero e sexualidade é de suma importância para o reconhecimento das temáticas de cunho social, para o desenvolvimento integrativo de todas as pessoas nos espaços escolares. Professores de matemática devem também repensar em suas práticas pedagógicas na perspectiva dos contextos sociais e na aplicação do ensino da matemática.

É essencial esse debate e eu vou além, digo que esses debates já deveriam estar presentes nas grades curriculares desde o ensino médio, posto que, independente da área ao qual o estudante irá seguir eles precisam conviver com pessoas com diferentes sexualidades, assim com o debate prévio que sejam colocadas ideias e relatos irá proporcionar ambientes mais acolhedores, na formação de professores de matemática esses debates precisam estar presentes do início ao fim do curso (Prof. Tibira).

Contudo, abordar contextos de gênero e sexualidade desde a educação básica é uma alternativa para minimizar os processos normatizadores dos corpos LGBT+ e consequentemente proporcionar um ambiente mais acolhedor para os professores homossexuais, Instigar e Instituir práticas pedagógicas não tradicionais como Freire (1996) ressalta, devem ser compreendidas durante a formação inicial de professores de matemática, pois prepara o docente em matemática para abordar criticamente contextos sociais no ensino da matemática (Louro, 1997).

5) VOCÊ PODERIA CONTRIBUIR COM A DESCRIÇÃO DE UMA ATIVIDADE OU INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA QUE INCLUA A COMUNIDADE LGBTQ+ NAS AULAS DE MATEMÁTICA.

Adentrando no ensino da matemática para as relações de gênero e sexualidade como forma de fomentar um ambiente inclusivo para as pessoas LGBTQ+ nos espaços escolares e consequentemente para os professores homossexuais como docente em matemática. As atividades pedagógicas possuem grande relevância para contribuir para uma educação humanizada, que aborda aspectos de democracia para a promoção do respeito e equidade.

Na perspectiva das relações de respeito e equidade com um olhar para o ensino da matemática através das pedagogias que contemplam a pluralidade dos corpos, são as diferentes formas de levar para a sala de aula atividades pedagógicas que incluam todas as pessoas no processo de aprendizagem.

No mesmo campo de conhecimento, Guacira Lopes Louro (2001) salienta a Pedagogia Queer ao qual confronta os processos normatizadores dos corpos no contexto escolar, proporcionando fundamentos para o docente desenvolver atividades, práticas pedagógicas e intervenções ao qual rompe com os padrões heteronormativos dos corpos.

Por conseguinte, todas as concepções dos professores se baseiam no ensino da matemática e a Pedagogia Queer.

Geralmente eu trabalho com Filmes relacionando com as temáticas sociais, não só de gênero e sexualidade mas temáticas de cunho social (Prof. Turing).

A Estatística tem a facilidade para as abordagens dessas temáticas, como por exemplo realizar uma pesquisa ao qual iremos mapear as pessoas que pertencem a comunidade LGBTQ+ dentro da escola, no primeiro momento poderia ser feito uma pergunta de quem são essas pessoas, para que em um outro momento com a situação com um professor de uma outra disciplina trazer discussões sobre os significados de cada letra da sigla LGBTQ+ (Prof. Wyllys).

Qualquer minoria poderia entrar nessa temática nos números que falam sobre essa comunidade mostrando processos de exclusão e desafios para a Comunidade LGBTQ+, a partir de reportagens sobre problemas sociais do tipo, violência sofrida por pessoas Trans no Brasil, o conteúdo seria todo o campo da estatística, ou seja, toda parte da matemática na estatística e suas diferentes situações. Estatística, Porcentagem, Conjuntos numéricos essas são as estratégias que podemos inserir contextos das minorias nas aulas de matemática (Prof. Haring).

Em sala de aula podemos utilizar em primeiro lugar os próprios relatos dos estudantes como é o caso das pessoas LGBTQ+ que já sofreram algum tipo de preconceito, nesse entendimento podemos trabalhar com a estatística, podemos trabalhar também em cima de campanhas como o da homofobia para atribuir um ambiente mais inclusivo para todas as pessoas (Prof. Tibira).

Diferentes práticas colocadas pelos professores, possibilita um grande leque de alternativas para o ensino da matemática para além dos cálculos numéricos, as conjunturas partindo de pressupostos do ensino para a justiça social, as práticas que recorrem o campo de gênero e sexualidade deviam e devem estar presente na formação inicial de professores de matemática. Diante a análise realizada, podemos assim fundamentar as contribuições essenciais para pensarmos em outras atividades ou intervenções que inclua contexto de gênero e sexualidade nas aulas de matemática, para assim, minimizar as concepções de anormalidade atribuída em uma visão heteronormativa à homossexualidade, com a finalidade de naturalizar a essência de ser homossexual e professor de matemática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido para repensarmos no fazer docente em uma sociedade que infelizmente ainda subalterniza todas as identidades ditas desviantes, o teor de anormalidade atribuída a homossexualidade reforça muitos desafios a serem enfrentados em todos os espaços. Ser homossexual e estar inserido no ambiente educacional como professor de matemática é desafiador, visto que, muitos alunos e profissionais carregam visões formalizadas sobre o ser homossexual e aspectos referentes ao profissionalismo.

Entendemos que os estigmas associados a homossexualidade no contexto social e escolar colabora para diferentes processos de exclusão dessas identidades nos espaços escolares. Um papel importante que trazemos é a de não neutralidade no ensino da matemática, abordar os contextos de lutas e conquista de direitos básicos e posteriormente conceitos sobre o ambiente escolar e identidade homossexual é fundamental para possibilitar práticas pedagógicas em uma noção do fazer docente para todas as pessoas.

Cicatrizes do período ditatorial ainda se perpetua na identidade homossexual, olhar para a educação sob uma óptica problematizadora é essencial para os futuros docentes durante a graduação. Notamos que, muito ainda precisa ser feito para incluir práticas envolvendo gênero e sexualidade na educação matemática, diante, as contribuições dos professores, durante suas formações iniciais percebemos que aspectos de gênero e sexualidade não estavam presentes.

A formação inicial de todos os professores de matemática homossexuais entrevistados foram baseadas no ensino tradicional ao qual não houve o debate de gênero e sexualidade durante a formação inicial, nota-se que é na atualidade que essas temáticas vem ganhando espaços mas ainda de maneira insuficiente para o reconhecimento de todos os graduandos nos cursos de licenciatura em matemática.

Destacamos também que temáticas envolvendo gênero e sexualidade não tem ganhado espaço nas formações continuadas de professores, deste modo, para integrar os conhecimentos além do ensino da matemática com algoritmos numéricos nos aspectos sociais os sujeitos da pesquisa destacaram como a insuficiência em abordar gênero e sexualidade na formação de professores pode impactar na vida docente e na expressão da identidade homossexual.

Nesse sentido, o despreparo profissional para debater gênero e sexualidade tanto na educação básica quanto no ensino superior não pode ser uma realidade atual, precisamos sempre estar em constante mudança e sempre a procura de novos conhecimentos e aprendizados referentes às pedagogias contemporâneas. Investigamos que o presente trabalho contribui como aporte teórico essencial nos cursos de formação inicial em licenciatura em matemática.

Compreendemos que as contribuições dos entrevistados foram essenciais e possuem grande importância para pensar em uma educação que inclua todas as pessoas na sala de aula. Enquanto objetivo foram evidenciadas as concepções ao qual remete o entendimento de como é ser professor de matemática homossexual em ambientes predominantemente heterossexuais e como isso impacta na performance da identidade.

Por fim, nosso estudo se baseou na investigação dos possíveis desafios e estorvos na identidade de homossexuais como docente em matemática, caracterizamos sua relevância para a educação matemática, contribuindo para que estudantes da graduação e professores atuantes possam pensar em diferentes alternativas para incluir as pessoas a fim de minimizar os desafios na identidade das pessoas LGBTQ+, mais especificamente no presente estudo a identidade homossexual.

Os resultados apontam para as contribuições ao qual permeiam os espaços escolares, existe a necessidade ainda do reconhecimento da temática da LGBTQfobia durante a formação inicial de professores de matemática, caminhos ainda precisam ser efetivado para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, pensar em outras pesquisas envolvendo gênero e sexualidade na educação matemática é uma necessidade para os graduandos repensar de forma crítica, destacamos que futuros professores de matemática possam contribuir com pesquisas no meio acadêmico sobre essas temáticas, em diferentes perspectivas, deixamos em abertos as seguintes contribuições “durante a formação inicial de professores de matemática em diferentes Universidades do Brasil, gênero e sexualidade tem sido discutido de maneira significativa e assertiva entre os professores para o desenvolvimento de um ambiente inclusivo?”, assim repensar através desse questionamento nos proporciona um leque de alternativas para o desenvolvimento de futuras pesquisas no campo da educação matemática.

Buscamos relacionar aspectos sobre como os estigmas foram atribuídos à identidade homossexual, contudo isso, na busca de meios pedagógicos para minimizar os processos de subalternização dos corpos LGBTQ+. Durante a formação inicial de professores de matemática adentrar outras temáticas que permeiam os espaços escolares é de extrema importância, visto que, contribui com aporte teórico para futuros licenciandos em matemática, com a finalidade no reconhecimento de novas propostas de pesquisas nas abordagens de gênero e sexualidade no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa; DIAS, Aline de Freitas. **A homossexualidade nas páginas do Lampião da Esquina**. Pergaminho, n. 6, p. 39-47, 2015.

AMANDO, Marília Rocha; CUSATI, Iracema Campos; CARVALHO, Odair França de. **NORMATIVIDADE CULTURAL E MARGINALIZAÇÃO DAS SEXUALIDADES: o preconceito no ambiente escolar contra a pessoa LGBT. Momento-Diálogos em Educação**, v. 28, n. 3, p. 128-147, 2019.

BORGES; Caroline, BATTISTELLA; Clarissa. Polícia Investiga suspeita de crime de homofobia contra professor em SC, G1, Santa Catarina, 29 jul. 2021. Disponível em :<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/07/29/policia-investiga-suspeita-de-crime-de-homofobia-contra-professor-em-sc.ghtml>

BRASIL. [Constituição (1988)].Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 [Internet]. Brasil; 1988 p. 1–139. Available at: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Aldryn et al. GÊNERO IMPOSTO-Coação e Punição Hegemônica. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 2, p. 0034-0048, 2020.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). **Anais do Simpósio Nacional de História, Florianópolis, SC, Brasil**, v. 28, 2015.

CORDEIRO, Janivaldo Pacheco; THIENGO, Edimar Reis; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco., In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (org.). Estudo de Gênero e Sexualidade em Educação Matemática: Tensionamentos e possibilidades. Volume 25. Brasília: SBEM, 2022. p. 188-205. Disponível em: <https://padlet.com/matematiqueer/matematiqueer-estudos-de-g-nero-e-sexualidades-em-educa-o-ma-8snxfhgbnb8loti9/wish/2215721100>

COSTA, Janailson da Silva; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Potencialidades do Cinema no Combate ao Bullying Homofóbico: Letramento Queer no Espaço Escolar. *Revista Letra Magna*, [S. l.], v. 20, n. 36, p. 153–168, 2024.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação Matemática para a cidadania e criatividade. **Educação e Matemática**, n. 125, p. 44-50, 2013.

DETONI, Hugo dos Reis; MENDES, Luísa Cardoso; DA CONCEIÇÃO ESQUINCALHA, Agnaldo. O MatematiQueer como locus de resistência à escalada

do conservadorismo e fomento à formação em Gêneros, Sexualidades e Educação Matemática. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*, [S. l.], v. 10, n. 18/19, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2510>. Acesso em: 9 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática libertadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marcel de Almeida. Performance e problemas de gênero, Judith Butler. **Gênero**, v. 18, n. 2, p. 228-234, 2018.

FERREIRA, Vinícius; SACRAMENTO, Igor. Movimento LGBT no Brasil: Violência, memória e lutas. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, p 234- 239, abr-jun 2019.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017

GOMES, Joanderson de Oliveira; MIRANDA, Joseval dos Reis. “**Professor, o senhor gosta de mulher?**”: as performances e as performatividades de professores gays . *Horizontes*, **Horizontes**, v. 41, n. 1, p. e023020-e023020, 2023. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1537>

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. Homossexualidades, repressão e resistência durante a ditadura. **Comissão Nacional da Verdade.(Org.). Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade**, v. 2, p. 289-302, 2015.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição; MOURA, Jônata Ferreira de. Que relações podem ser estabelecidas entre matemática e pessoas LGBTI+? Narrativas de um professor desviante das cis-heteronormas que ensina matemática. **Gêneros e sexualidades: tensões e desafios na Educação**. São Luís, MA: EDUFMA, v. 1, p. 223-246, 2021.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma Educação Matemática Desviante das (Cis-hetero) normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTI+?. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 36, p. 944-970, 2022.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones de la UNAD**, v. 14, n. 2, 2015.

LEÃO, Alice da Silva et al. Mulheres, Homossexuais, Indígenas e Negros na Ditadura Civil Militar: Uma Análise Sobre as Minorias no Regime Político. **Das Amazônias**, v. 2, n. 2, p. 45-58, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente—revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia**. In. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas/Rogério Diniz Junqueira (organizador).—Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. p.85-93. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista estudos feministas**, v. 9, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós - estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACIEL, Wesley de Arruda. A importância das articulações sobre gênero e sexualidade em diferentes abordagens especialmente na educação matemática. *Anais Secap* v, p 2930-2934, 2024.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. ISBN: 85-98623-01-6. 10p.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula. A escola e@ s filh@ s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia na escola**, p. 159-181, 2009.

MOREIRA, Reginaldo et al. Quando corpos dissidentes proclamam seus lugares como corpos diz-sonantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e05962023, 2024.

NALIN, Vinícios. Peste Gay. **Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil**, v. 1, 2021.

NASCIMENTO, Davi da Silva; MACIEL, Wesley De Arruda; CARVALHO, José Ivanildo Felisberto de. AQUENDANDO SABERES: A DIVERSIDADE NA AULA DE MATEMÁTICA.. In: . Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/7emap/762483-AQUENDANDO-SABERES--A-DIVERSIDADE-NA-AULA-DE-MATEMATICA>.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

PARANHOS, William Roslindo. Travesti não é bagunça! Entrevista com Erika Hilton. **COR LGBTQIA+**, v. 1, n. 4, p. 146-150, 2023.

PARO, Vitor Henrique. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 03, p. 763-778, 2010

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RIBEIRO; Janaina de Souza, VAZ; Telma Romilda Duarte. **VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO: OS CASOS DILMA ROUSSEFF, ERIKA HILTON E MARIELLE FRANCO**. 2023.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. A ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 183-211, 2009.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da; MAFRA, Welma Cristina Barbosa. Escola, Heteronormatividade e Exclusão: algumas reflexões. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 8, n. 1, 2020.

SANTOS, Luciano Pereira dos; JÚNIOR, José Alves Lagôa. O EFEITO DA AUSÊNCIA DE DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NA ESCOLA. **D'GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero**, v. 1, n. 1, p. 545-564, 2022.

SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. O pensamento conservador e sua relação com práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade. **Revista Teias**, v. 17, n. 47, p. 141-154, 2016.

SEPULVEDA, José Antonio; SEPULVEDA, Denize. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 868-892, 2019.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Laicidade do Estado e da educação. **Revista Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p.91-105, 2020.

SILVA, Jardínlio Reis da. **PROFESSOR GAY E PROFESSORA LÉSBICA: Um estudo sobre homofobia na docência**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2019.

SOUZA; Carla Araujo de, GONÇALVES; Harryson Júnior Lessa, PERALTA, Deise Aparecida. **ENTRE-VISTA SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. In. Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática Tensionamentos e possibilidades/Aginaldo Esquinhalha (organizador).- Brasília, DF: SBEM Nacional, p.83-101, 2022.

SKOVSMOSE, Ole. **Desafios da reflexão em educação matemática crítica**. Papirus editora, 2008.

APÊNDICE 1 - BREVE HISTÓRIA

“E ESSE AMBIENTE REPRESSOR UMA BREVE HISTÓRIA DE VIDA”

Uma pequena parte da minha vida será retratada no início da minha pesquisa.

Socialmente me deparei com diferentes processos de exclusão durante minha vida enquanto adolescente e na fase adulta, a repressão da minha identidade como um homem gay por muito tempo foi velada e colocada em uma caixinha para não sofrer preconceitos, vivia em ambientes predominantemente heteronormativo ao qual sempre associavam a homossexualidade como algo errado de se fazer, o certo seria eu gostar de menina e me comportar através das concepções ao qual era concedida.

Me lembro que dentro da minha casa já escutei questionamentos sobre a sexualidade homossexual, como “aberração”, “anormalidade”, isso me colocava em uma posição de desconforto, uma vez que enquanto adolescente trabalhei de forma informal para comprar minhas coisas (sempre gostei de trabalhar), todo dia questionavam minha sexualidade com perguntas do tipo, “você é gay?”, “vou levar você para um cabaré”, eu sempre tentava contornar a situação para não expressar a minha sexualidade com medo de ficar desempregado, o que me mais dói é perceber que muitos ambientes de trabalho as pessoas LGBTQ+ precisam censurar a sua sexualidade para não sofrer.

Não aguentava mais, através dos meus estudos passei na Universidade Federal de Pernambuco Campus Agreste, o curso me proporcionou tantas oportunidades positivas, consegui me demitir daquele trabalho e comecei a ter estabilidade tanto emocional quanto financeira, saí de casa e fui morar sozinho e isso foi um alívio para mim. Desde pequeno meu maior sonho foi ser professor de matemática, com as vivências na Universidade conheci o professor José Ivanildo, através do seu jeito de ser e das performances me identifiquei com ele por nós sermos homens gays em um curso predominantemente heterossexual.

Me interessei em fazer parte do grupo Aya Sankofa, e confesso que de início não fazia ideia dos trabalhos que eram desenvolvidos dentro do grupo, eu sendo um graduando homossexual em um certo momento da minha vida acadêmica notei que durante a formação inicial de professores de matemática não foi falada de homossexualidade e homofobia na escola durante o percurso acadêmico, mesmo

as cadeiras obrigatória do curso de matemática nenhuma houve articulação envolvendo essa temática e isso me fez questionar, eu sendo um professor de matemática assumidamente gay se durante a formação inicial pouco se é falado e muitas vezes não é debatido na formação inicial de professores de matemática.

O que eu posso fazer para proporcionar uma ambiente mais acolhedor para mim e para as pessoas LGBTQ+, isso retomou durante a minha vivência no grupo Aya Sankofa, comecei a produzir trabalhos, resumos, artigos e minicurso juntamente ao grupo e ao professor Ivanildo na perspectiva de gênero e sexualidade no ensino da matemática, isso me deixa muito feliz, uma vez que, diante à tantos processos de repressão enquanto professor devemos lutar por uma educação antirracista e antilgbtfóbica.

Nesse sentido desenvolvi juntamente com o grupo aya sankofa trabalhos fundamentais para a educação matemática na Universidade Federal de Pernambuco campus caruaru, deste modo, um dos trabalhos apresentados foi o Aquendendo Saberes: A diversidade na aula de matemática, uma oficina que teve como objetivo

Estimular estudantes dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco Campus Agreste para o desenvolvimento de questões que permitam a visibilidade de indivíduos LGBTQ+ em contextos de inclusão (Nascimento; Maciel; Carvalho, 2024, p.5).

Sendo assim, trabalhos também foram desenvolvidos na perspectiva de gênero e sexualidade na educação matemática como o primeiro seminário orgulho LGBTQ+ enfrentamentos e possibilidades na Educação Matemática para a diversidade realizado no ano de 2023, posteriormente em 2024 o segundo seminário do orgulho LGBTQ+ na educação matemática diálogos emergentes, vozes insurgentes. No mesmo ano, em 2024 apresentamos dois resumos, um sobre as experiências formativas e o outro sobre a realidade escolar como um ambiente desafiador para professores homossexuais em matemática.

O sentimento é de gratidão por contribuir de forma significativa com aparatos teóricos para o desenvolvimento de um ambiente escolar mais acolhedor, sendo assim, desenvolver a presente pesquisa é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e sempre será o meu papel como professor.

APÊNDICE 2 - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE DOS DESAFIOS NA IDENTIDADE DE HOMOSSEXUAIS COMO DOCENTE EM MATEMÁTICA

Pesquisador: Wesley de Arruda Maciel

Instituição responsável: Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste

Orientador: Prof. Dr. José Ivanildo Felisberto de Carvalho

Eu Wesley de Arruda Maciel, responsável pela pesquisa **RELAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise dos desafios na Identidade de Homossexuais como docente em matemática**, convido a participar da pesquisa cujo o objetivo é investigar os desafios e estorvos na identidade homossexual como docente em matemática. A coleta de dados será realizada através da entrevista semiestruturada. Esta pesquisa poderá causar inibições e/ou constrangimentos por você não ter contato prévio com o pesquisador, podendo causar desconforto pelo fato das perguntas abrangerem respostas pessoais no momento da entrevista.

Acreditamos que a pesquisa seja importante para a Educação matemática, contudo ampliando os conhecimentos e possibilitando as relações de respeito e equidade no ambiente educacional, sobretudo, a você e aos estudantes.

As informações obtidas a partir deste estudo serão rigorosamente confidenciais. Os resultados serão divulgados publicamente, entretanto, a identidade dos participantes voluntários jamais será revelada. A sua participação neste estudo é totalmente voluntária e não haverá qualquer custo de sua parte. Você tem direito a perguntas e respostas em qualquer momento. Não assine o TCLE se não concordar com sua participação, ou se as dúvidas não forem devidamente esclarecidas. Asseguramos à você a possibilidade de sua autorização na pesquisa ser retirada em qualquer momento da mesma.

Eu, _____, RG _____, li e entendi o exposto acima. Autorizo a utilização dos dados obtidos na pesquisa para a elaboração desta pesquisa de TCC.

_____, ____ de _____ de _____.

Participante _____

Testemunhas _____

Pesquisador _____

Wesley de Arruda Maciel. CPF: 136.681.354-52